

A ESCOLA

JORNAL CRITICO E LITTERARIO

PUBLICAÇÃO MENSAL.

ANNO I.

NUMERO 1.

SUMMARIO:—*A Escola*, artigo de introdução; sobre o Dr. Jauffret, artigo da redacção; *Socrates*, por Anto Pereira; folhetim, *Dous corações*, por Dias da Silva; poesias: *A Victor Hugo*, por Vianna dos Reis; *Tira Dentes*, por Alfredo Galvão; *Se ti amo?—não sei*; *Estancias*, por A. B. Barbosa de Godois.

MARANHÃO.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO—RUA FORMOSA N. 40.

Typ. do Paiz—Imp. por Christino V. de Campos.

1878

A ESCOLA

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

No templo do trabalho é hostia, verbo,
sacratio, luz, sacerdotisa,—a imprensa,
mãe da liberdade.

Thomas Ribeiro.

NUMERO 1.

29 de agosto de 1878

A ESCOLA.

MARANHÃO, 29 DE AGOSTO DE 1878.

Não ha ainda quarenta annos que uma das mais esplendidas e importantes festas que se têm celebrado no seculo XIX—tinha logar na cidade de Strasburgo, berço de tantos homens illustres.

Naquelle canto da Europa, hoje pertencente à nação que se orgulha do sublime Goethe, e que então completava um dos departamentos da França, grande cortejo de mais de duas mil pessoas partiam do paço da camara com destino à praça que dentro em pouco tornar-se-hia a mais famosa da cidade em consequencia do monumento que nella se ia levantar em memoria do homem que ali realisára o maior invento do ingenho humano.

Imenso e variado era aquelle concurso: artistas, litteratos, auctoridades civis, militares e religiosas,

nacionais e estrangeiros pagavam naquelle momento a divida de gratidão por que o mundo civilisado se constituira em obrigação para com o homem que dissera um dia ás letras, ás artes, ás sciencias, á liberdade:—O vosso limite de hoje em diante é o infinito no progresso e no engrandecimento.

Remota era a divida que elles pagavam naquella occasião: de quatrocentos annos datava ella: mas as dividas da gratidão são como as da honra—não prescrevem nunca.

Era, pois, tempo ainda de erigir uma estatua, já não é preciso dizer a quem. A historia o está dizendo, quem della conhecer já terá lido nas palavras com que inaugurámos o nosso pequeno jornal o nome de Guttenberg, o inventor da imprensa.

Sim, porque tambem ninguem deixará de reconhecer em consciencia que a imprensa foi o maior producto do espirito humano, a fonte mais perenne de beneficios para a humanidade.

Quem sabe o que são as trevas tem um ponto de partida para avaliar o que é a luz. Grandes são os males filhos d'aquellas, não menores os bens emana-dos d'esta.

FOLHETIM.

Dous corações.

I

Gustavo era um elegante rapaz de cabellos negros, olhos vivos, bigode retorcido, andar altivo como o de um marquez (no tempo em que os marquezes se distinguiam pelo andar); e com tudo só era um artista!

Quando o conhecemos, começava elle a manejar o arco de sua rabeca, que o tornou tão celebre.

Não tinha a muzica como simples profissão, nem com ella mercadejava. Verdadeiro coração de poeta, vivia para o seu instrumento; era com elle que desabafava as suas magoas, fazendo-o chorar; era tambem com o seu violino que dividia a sua alegria, fazendo-o rir como uma creança.

Contava vinte e cinco annos o nosso heróe e ainda não havia amado!

Temia, disse elle uma vez n'uma reunião de amigos,—repartir o seu amor entre a rabeca e a mulher.

Entretanto si o novo Orphéo desejasse uma Euridice, bastar-

lhe-ia fazer suspirar a sua companheira para a pobresinha encontrar logo uma rival.

Uma noite dirigia elle a orchestra de um theatro, onde o povo affluia para ouvir os garganteios de uma afamada cantora italiana que pela cidade de . . . chegara de passagem.

A voz da cantora era doce, melodiosa, capaz de arrebatár. Gustavo inspirou se; as melodias de sua rabeca casavam-se perfeitamente com a voz da italiana. A platea estava como que suspensa; parecia querer beber as torrentes de harmonia que soltavam os dous artistas. Quando terminou o concerto, as palmas retumbaram de todos os angulos do theatro. O entusiasmo tocára ao delirio; a cantora e o muzico foram applaudidos freneticamente.

A italiana nada tinha de bonita; feia até se poderia dizer. Era uma mulher de trinta annos, alta, extremamente magra e vésiga do olho esquerdo, defeito que encobria usando de pince-nez.

Callada, ninguem se lembraria della; cantando, todos que a ouvissem guardariam uma eterna lembrança daquelle voz de se-reia num corpo de Megera.

Gustavo saio nessa noite impressionado do theatro. Acabara ardia-lhe como annunciando uma vertigem. A voz da cantora soou-lhe ao ouvido toda a noite. No dia seguinte pouco comeo; passou o espaço que vai do nascer ao pôr do sol agarrando-

Pois bem, para o mundo intellectual a imprensa é a luz. Feliz do espirito que poder receber o calor vivificante desse sol. Como a planta a alma cresce e desenvolve-se; o resto depende da boa natureza e do bem cultivado do solo: seja-o elle assim, e em breve os fructos brotarão benéficos, que o germen, caindo das mãos de Deos, é necessariamente bom de natureza.

A vantagem toda da imprensa está, pois, no bom uso que della se faça. Não a prostituam os seus ministros, e ella tem completado a sua missão. Mas... prostituam-na muito embora, ella mesma virá por si: se o erro é partilha do homem, a verdade é conquista a que a humanidade se destina; e eis ali a sublimidade da imprensa: se ella é muitas vezes veneno, é também antidoto; é morte, mas também é vida: prostra, mata, mas ergue e resuscita mais forte e com mais vigor.

A instrução nunca deixará de ser o alvo das vistas humanas, e pois não ha temer. Não nos incomodemos com o mal, accidental; ampliemos o bem, que é nosso de natureza.

Porque possam haver máos mestres, quem deixará de clamar pelas escolas?

E a imprensa, e o jornal, que é seo filho, é uma escola.

Mas dizendo assim e chamando nós *Escola* o nosso modesto jornal, não nos increpem irreflectidamente de pretenciosos. Na escola ensina-se mas aprende-se também. Declinando das nossas fracas forças a primeira destas missões, claro é que o nosso fito todo está na utilidade que para os novéis da litteratura resulta dos ensaios litterarios a que se possam elles entregar exercitando-se pela imprensa.

Mas como quer que seja, o nosso fim é sempre a instrução. Fim nobre, por certo, e é por isso que que pouco nos importando das difficuldades com que

rabeca, tocando a aria que na vespera acompanhara.

Elle amava! Eis o mysterio!!

A quem? perguntará o leitor estupefacto; a cantora, a essa mulher alta e esguia como uma carabina; de um só olho como se fosse descendente de Poliphemo?!

Perdão, charo leitor! Longe de ti uma tal supposição. Gustavo amava, mas era outro o objecto de seu culto apaixonado.

Essa voz, que saía de um corpo tão desgracioso, elle a punha, com a sua liberdade de poeta, num corpo de fada, flexivel como a palmeira do deserto, elegante e encantador como o de uma virgem de Murillo.

Aquella voz transtornou-lhe de tal forma a cabeça, que chegou a julgar-se verdadeiramente perdido. Enraiveceu-se contra o seu proprio coração; maldisse a sua sorte pensando nas zombarias de que seria alvo, se um louco amor o atirasse nos braços da italiana. Chegou a comprar um revolver e uma onça de verdete!

Não foi preciso, porém, lançar mão de meios extremos.

A mulher, depois de ter feito uma boa colheita, retirou-se da cidade, levando na argentina garganta a alma do pobre musico.

Gustavo derramou algumas lagrimas!

Era exquisito aquelle rapaz; chegou a dizer em segredo a um amigo que se não fosse o mundo com os seus falsos e ridiculos preconceitos, elle, o elegante de luneta enfumaçada, o ver-

luta entre nós uma empreza litteraria, e só tendo por divisa trabalhar e trabalhar sempre, succedendo esforços a esforços,—apresentamo nos hoje ao publico amante das lettras e da mocidade estudiosa pedindo a sua protecção para um novo organ de publicidade.

Chegada é também aqui a occasião de offerecermos as nossas columnas a todos aquelles que, como nós, queiram apresentar ao publico as suas produções.

E não só a esses como também aos que estão no caso de melhor illustrar as nossas paginas, offerecemos as columnas deste jornal e até imploramos o seo concurso. As suas licções serão—neste caso um complemento ao titulo que escolhemos para esta publicação.

Quanto ao nosso programma, se elle bem não se infere ainda das idéas que até aqui temos externado, pouco mais resta-nos a dizer.

Na litteratura a critica é a vida: sem ella, deixariam de ser apreciadas as boas obras e multiplicar-se-iam as más. E', pois, de necessidade que onde houver litteratura haja também critica, e foi entendendo assim que chamámos a esta gazeta—critica e litteraria.

Accrescentemos que não nos permittindo o grande intervalo de um a outro numero da nossa publicação o tomarmos parte activa no movimento do nosso paiz, raras vezes a nossa critica sairá do terreno da litteratura. Mas seja dito em tempo que com o que ali fica não nos imposemos abstinencia absoluta em qualquer facto ou questão que possa interessar ao bem da patria ou da humanidade. Dever é esse complementar da imprensa, e nós o satisfaremos tanto quanto nos permittirem os nossos minguados recursos.

dadeiro calça-estoque da cidade, levaria á face dos altares Mme. Camarelli. Dizia mais—que não era só por si que faria tal sacrificio; era um empenho de esphera superior: a arte o reclama. A sua rabeca casada com a voz arrebatadora da italiana não realisava porventura um triumpho artistico sublime e grandioso?! Pela arte, pois, elle de bom grado se immolara!

Mas a cantora havia partido. Gustavo desde o dia fatal da despedida deixara a sua inseparavel companheira dormir a um canto da casa. Pobre rabeca! Ella que tinha em cada corda diferentes vozes, que possuia quatro linguas, era esq uecida por uma voz de mulher! Desditosa condição.

Decorreu um mez; a voz da italiana ainda soava aos ouvidos de Gustavo e a sua rabeca era victima do bolor, immenso peza-dello que a ia incomodar no seu longo dormir!

II

Uma manhã o inconsolavel musico, voltando a esquina de uma rua, parou de repente e recuou tres passos, indo encostar-se a uma parede e esforçando-se por devassar o interior de uma formosa casa que lhe ficava em frente.

Acabava de ouvir a voz da italiana entoar a mesma aria com que tanto o impressionou. Passou a mão pela fronte, julgando ser tudo um sonho.

E fique assim definido o nosso programma e ampliado de accordo com qualquer melhoramento que possamos dar a esta empresa.

Se as letras e a philosophia soffrem uma perda sensível sempre que vêm apagar-se um dos fachos mais proprios para difundir a luz nos espiritos—; um dos interpretes mais afeitos em explicar a palavra do sabio,—do sabio, que observa a natureza, proclama a verdade e até sonda as leis do Omnipotente;—se a sciencia empobrece todas as vezes que a gelida e horrível mão da morte precipita no grande abysmo do nada um dos seus mais denodados apóstolos; se enfim a sociedade cobre-se de tristeza e de luto ao ver desaparecer do seu gremio um dos seus mais brilhantes ornamentos, sobeja razão têm a litteratura,—a philosophia,—a sciencia,—a sociedade maranhense para lastimar a perda do homem amante das letras, do philosopho—grande na sua missão de mestre—do medico respeitavel pela sua proficiencia e nobre pelos seus sentimentos humanitarios, do cidadão respeitador das leis e util á sua patria.

Queremos fallar do Dr. José Ricardo Jauffret, que nesta cidade falleceu a 7 do cadente mez.

E se é certo que a imprensa representa as letras, falla em nome da sciencia, constitue-se orgão da sociedade—corre nos o sagrado dever de registrar nestas columnas o deploravel passamento do homem em honra do qual dedicamos estas palavras.

Tivessem estas linhas só a probabilidade de ser lidas por quem conhecesse de perto o veneravel ancião de quem nos occupamos, e nós cumpriríamos o nosso dever neste momento limitando-nos a pouco mais do que ahí fica em memoria do finado. E' nossa convicção que todos reconheceriam a verdade das nossas proposições.

Nisto, a voz ia terminar; ergueu-se nas pontinhas dos pés para vér se divulgava a cantora. Foi em vão; nada viu.

O piano deixou escapar a ultima vibração, e uma gentil mocinha, com as faces esbraseadas e o seio offegante, como quem se tinha debalde esforçado por arrancar uma nota agudissima, chegou á janella.

Que agradável surpresa!

Tinha-se realizado o idealismo de Gustavo! a voz de Mme. Camarelli estava num outro corpo. Contemplou a moça com um olhar de fogo, levou a mão ao coração e correu para a casa. O almoço estava á mesa; elle agarrou-se á rabeça toda coberta de bolor e ameaçando fazer-se em pedaços. Foi em vão que o criado lhe disse que o café esfriava; tocou até o braço pender-lhe fatigado.

A' noite vestiu-se com o melhor fato, levou duas horas consultando o espelho e foi, arrastado pela voz, postar-se diante da casa.

Ouvio ainda a mesma aria, porém cantada por uma voz de falsete.

—Diabo! disse consigo, teria ouvido mal?

Uma outra voz repetio o canto.

O musico sorriu-se; era a que cantara pela manhã. O ouvido não o havia enganado. Esperou que, terminado o concerto, alguém chegasse á janella e teve que esperar uma boa meia hora.

Estava já para retirar-se quando vio dous vultos de mulher

Mas os elogios—mesmo dos mortos—estão hoje tao barateados; a critica tem se desvirtuado tanto com os seus juizos parciais, a descrença vaé por isso lavrando tão intensa, que nós—extensamente carecedores de auctoridade—vemo-nos na necessidade de citar alguns exemplos e factos para que duvidosas não se tornem as nossas palavras.—Além de que, não é mesmo um dever registrar o merito e as virtudes das boas almas? Contribuamos, pois, para que sobreviva ao morto a lembrança do seu merecimento.

Dissemos que a litteratura perdeu no Dr. J. R. Jauffret um homem amante das letras. Quizemos ostentar imparcialidade e commetemos uma injustiça. O Dr. Jauffret foi mais: cabe-lhe o nome de litterato. Porque recusar-lhe este titulo? Quando nada mais tenha elle escripto—porque grande era a sua modestia e nenhuma das suas ambições—bastam para conquistar-lhe esse nome dez paginas, dez paginas como as que elle escreveu quando traduziu o melhor episodio do poema de Camões, daquelle monumento litterario que veio assegurar ás letras portuguezas a sua perpetuidade na face do globo civilizado. Dez paginas, insignificantes no seu numero, mas inestimaveis na sua sublimidade, na fidelidade da traducção, na correcção da linguagem, e—o que é o principal quando se traduz—no pensamento nunca desvirtuado, nem ao menos levemente alterado.

Não nos é dado aqui—nem teriamos competencia para fazel-o—analyzar aquella obra litteraria. Mas se ha por ahí quem ainda não a leu e queira admirar o bello e o sublime na litteratura, abra o *Parnaso Maranhense*, leia-a e diga-nos depois se faltamos a verdade no que vimos de avançar.

Agora que já fallámos do litterato, vejamos o mestre.

Nomeado em agosto de 1854 para reger a cadeira de Philosophia do Lyceo desta cidade, a mesma que

debruçarem-se na saccada. Era a mocinha e uma respeitavel matrona.

—E' sem duvida sua mãe, pensou elle; é a voz de falsete que ainda ha pouco ouvi.

O musico estava encoberto nas sombras de uma parede fronteira. A lua, que então brilhava, não o podia descobrir; via—sem ser visto, ou pelo menos conhecido.

A moça era realmente formosa, morena, de cabellos e olhos negros como o ebano, de labios rosados e dentes de neve.

A senhora que estava a seu lado, ainda mostrava que em moça havia feito ferver mais de uma cabeça romantica. Apresentava alguns traços, que, vistos de perto, achavam-se reproduzidos na mocinha. Era alta, robusta e seus cabellos meio embranquecidos davam-lhe um certo ar de respeito que não deixava de ser tambem de sympathia.

Ao ouvirem dar dez horas, retiraram-se ambas da janella, que um criado veio fechar.

O nosso heró suspirou e foi repousar das fadigas do dia.

Aquella rua tornou-se o ponto attrahente de seus passeios.

A moça acostumou-se a vel-o passar, familiarisou-se com seus cumprimentos e chegou a esperal-o ansiosa.

III

—Não amo a mulher, disse elle com certo orgulho, quando teve resposta a sua primeira carta amorosa; si Maria não tivesse

lhe deu o berço e onde fez os seus primeiros estudos preparatórios, o Dr. Jauffret exerceo sempre dignamente esse cargo até que a morte viesse dar-lhe a sua demissão.

Foi, pois, de 24 annos o seu magisterio, e durante todo esse tempo da mais reconhecida dedicação em guiar mancebos nas pesquisas da verdade e do bem, o Dr. Jauffret conquistou a sympathia não só dos que tiveram a felicidade de ser seus discipulos, mas também de todos os seus collegas e empregados do estabelecimento.

Na aula, encantava o ver-se e ouvir-o. Era Socrates conversando com os seus discipulos.

Claro e preciso quando explicava; eloquente e sublime nas dissertações com que fazia a luz nas questões philosophicas as mais importantes; methodico na direcção sabia que dava ao estudo da classe, — uma rapida leitura do compendio bastava muitas vezes para que o estudante de facil comprehensão desempenhasse satisfactoriamente o seu papel. E eis ali a grandeza do mestre: a pericia na arte de ensinar está na vantagem com que se aplainam as difficuldades do estudo.

E se a todos esses dotes intellectuaes juntarmos os dotes moraes que enriqueciam aquella alma, — a amabilidade com que tratava os seus discipulos, — a extrema delicadeza que lhes dispensava, — a justiça que sabia imprimir nos seus actos, eis explicadas a estima e a sympathia que todos lhe tributavam.

Quanto ao respeito que lhe consagravam os discipulos, elle tocava á veneração. De facto nunca se ouviu da parte dos estudantes, gente tão difficil de contentar — como já se disse — levantar uma queixa contra aquelle lente. Tal era a sua auctoridade, tal a confiança que inspirava.

Como medico não menos se distinguia o Dr. Jauffret.

a voz que tem, não me veria, sequer num só momento, parado defronte de sua casa. O meu coração de artista exige esse sacrificio; é a minha rabeca que reclama uma companheira.

Gustavo dirigira á moça uma declaração de amor em estylo proprio, isto depois de ter lido nos seus negros olhos que as constantes digressões que fazia pelas lages do passeio não eram mal recebidas.

A resposta não tardou; era pouco mais ou menos o seguinte:

« Já o amava antes de conhecê-lo! Foi no theatro que o vi pela primeira vez acompanhando na sua rabeca a celebre italiana que aqui esteve, e desde essa noite o trago gravado no coração. Se quizer, como diz, unir os seus dias aos meus, pode vir pedir a minha mão. Sou orphã, perdi meus paes quasi ao nascer e fui educada por uma tia que me tem servido de mãe e de quem sou a unica herdeira. Mostrei-lhe a carta que dirigiu-me, e não ha inconveniente em ser recebido nesta sua casa. Pode vir quando quizer, etc., etc.»

Na noite do mesmo dia em que estas linhas foram recebidas, o nosso heroe subia as escadas da casa de D. Margarida, que assim chamava-se a tia de Maria.

Levou quasi meia hora no corredor. O corpo todo tremia-lhe. Duas vezes chegou á rua para retirar-se; e duas vezes subio os degraus e ergueu as mãos para bater palma.

A sua dedicação pela causa da humanidade não menos o elevava quando curava os corpos, do que quando tratava dos espiritos.

Na quadra calamitosa que atravessam as provincias do norte debatendo-se com a secca, a fome e a peste, de que também partilhou o Maranhão, ia-se diariamente encontrar aquelle grande homem n'um lugubre hospital repleto de velhos e creanças — os filhos agonisantes em presença do pae enfermo, misero e desolado, a mãe muribunda em face do filho em breve orphã entregue á caridade publica — ia-se encontrar aquelle grande homem, dizemos, ministrando a todos os recursos da sua sciencia. Eram taes os soffrimentos das criancinhas mudas e innocentes, eram tantos os que exigiam promptos socorros da medicina, que por pouco não desanimava elle no meio de tamanhas difficuldades. Mas a caridade vencia os obstaculos, e o filho de Hippocrates só recuou quando, accommittido de fatal molestia, que bem podera ter tido a sua origem naquelle foco de miasmas, caio sobre o leito, de que não devia sair senão para a sepultura.

« Em poucos dias uma camada de terra poz entre elle e os que ficavam o abysmo do infinito.»

Seria necessario ainda engrandecer-lhe as qualidades como cidadão? O litterato, o mestre, o medico não prestam serviços á patria?

Paremos pois aqui, que se fossemos apreciar ainda o pae e o amigo, faltar-nos-ia espaço para registrar tantas virtudes...

E no entanto tudo finou-se. Do talento restam apenas as paginas com que enriqueceo a litteratura; do mestre, só a lembrança da sua sabedoria e bondade; do medico, só a memoria dos seus beneficios; do cidadão, só o reconhecimento da patria.

E porque extinguem-se assim os grandes homens? Não são elles por ventura necessarios á sociedade? Ah!

Uma criada que entrava o tirou desse purgatorio, annunciando-o.

Gustavo foi recebido como se já pertencesse á familia. Quando saio era noivo; o seu casamento devia effectuar-se d'ahi a dous mezes, na vespera do natal.

Nessa mesma noite, ao retirar-se, fez um pedido á futura companheira de sua rabeca:

— Desejava ouvir-a cantar amanhã.

Maria corou e respondeu-lhe, abaixando a cabeça:

— Eu não tenho boa voz; a titia canta melhor.

— Sua tia! exclamou Gustavo, lembrando-se da voz de fatise, canta bem, mas a senhora...

A mocinha ficou indecisa; depois respondeu:

— Já que exige, cantarei.

IV

O nosso heroe fazia um excellente casamento. A moça, alem de sua formosura não vulgar, era a unica herdeira de uma soffrivel fortuna.

Fazemos justiça; Gustavo não ia atraz do dinheiro.

«As entranhas da morte são de pedra,
Coração jámais teve a hydra impia;
Carnes humanas come, bebe lagrimas,
Só respira suspiros dolorosos
E ais agoni-antes...»

Mas, silencio! Elle, o mestre, repetia sempre que fallava de Deos aos seus discipulos: «Não nos é dado sondar os segredos da Providencia.»

Socrates.

Athenas foi, por justo titulo, o berço da civilização antiga. Era o meridiano das luzes da Grecia soberba que vira pasmarem-se os sabios com as altas descobertas de Thales, cercado da ellipse luminosa de sua intelligencia cultivada no Egypto.

E foi na Grecia que o celebre Pythagoras bebeo sôrvos de seu idealismo, que milhares de seculos depois havia de ser a base do systema de Allan Kardec o contemporaneo.

Pois bem. Athenas foi a patria de Socrates, o precursor do filho de José o Carpinteiro. 470 annos antes de Bethlem pejar-se do concurso dos povos que a ordem de Cesar foram inscrever-se nos seus solares.

A principio, quando ainda o germen incubado de sua vocação distrahia-se com as regras da escultura na perfeição da esthetica, conforme as licções de Sophronisco seu pobre pae, Socrates — o genio — passava na sua patria, para os homens da sciencia, como um *lazzaroni* passa na moderna Italia para os membros da alta sociedade, porque o filho de uma parteira devia ser, por força dos preconceitos, uma nihilidade.

Demais, os transcendentes problemas da philosophia estavam n'um cahos horrivel, e nessas condições, quando a sciencia da escola jonica — a materialista — em jogo de arpejo com as mathematicas dos methempsychosistas nada tinham adiantado; quando os prosebytos de Xenophanes, o methaphysico, se affligiam com o atomisticismo de Leucippo e Democrito; quando nem o sensato eclectismo de Anaxagoras, Heraclito e Empedo-

Na noite seguinte recebeu elle uma triste noticia ao entrar na casa da noiva.

A tia de Maria estava lastante doente; havia caido de uma rede.

Uma terrivel constipação veio ainda pôr em perigo a vida da bôa senhora.

D. Margarida julgou-se morta, e antes de deixar este val de lagrimas, quiz ver realisada a felicidade de sua sobrinha, que amava como filha e por quem se conservára solteira.

Effectuou-se por tanto o casamento o mais breve possivel.

A cerimonia teve lugar n'uma das salas da casa, que servia de oratorio; compareceram apenas os padrinhos e dous amigos dos mais intimos de Gustavo. Foi como devia ser, uma cerimonia triste e silenciosa.

O musico não tinha familia, e passou a morar com a tia de sua mulher.

Maria repartia os seus affectos entre a enferma e o esposo.

Ainda não era chegada a ultima hora de D. Margarida; as

cles — a victima do Etna — tinham podido descobrir a verdade no mar cavado de tantas theorias vans; de tantas utopias; quando, finalmente, Gorgias e Protagoras subiam a Athenas para illudir e ridicularisar os espiritos e os principios da sciencia; Socrates, que consigo fazia estudos profundos; que era talhado para ofuscar não só sua patria e seus contemporaneos, mas os mundos illustrados e os homens de todos os tempos, repudiou em publico o escopro e apresentou-se para revolucionar esses systemas, e trabalhou para, rebaixando a natureza humana, engrandecer-se: lutou para immortalisar-se.

Toma por divisa a primeira das maximas do fastigio do templo de Delphos, em feliz hora concebida pelos sete sabios de sua ingrata e cruel patria — *nosce te ipsum* — e é com ella que faz a philosophia descer, na phrase de Cicero, o eloquente, dos cêos á terra, isto é, do falso ao solido elemento.

Abre sua escola e começa por estudar a si mesmo afim de comprehender os phenomenos que se operavam em seu espirito.

Ensina por dois methodos para chegar á evidencia dos factos, para esclarecer aos ignorantes, para instruir a seus discipulos: era a sua historica *ironia*, quando, com perguntas capciosas levava qualquer homem á verdade, ou a *maieutica*, quando esse mesmo processo era applicado a seus discipulos, «pois é sabido que elle, alludindo á profissão de sua mãe, se chamava o *parteiro dos espiritos*.»

Foi com taes methodos que calhram as azas de cêra da philosophia cosmologica para erguer-se victoriosa a anthropologica; foi ainda com elles que desapareceram os ficticios palradores da escola sophistica, que acabou em Enthidemo como principiara em Gorgia — o Siciliano: impotente.

No entretanto, ascendia se no peito dos invejosos o fogo do despeito, e bastara que Socrates um dia dissesse que Deos era outro Ser que não Jupiter e os mythos de sua patria, para que Melito, Anyto e Lycon, o poeta, o magistrado, o orador, menos generosos que a critica de Aristophanes — o comediante das *Nuvens* — transpuzessem o recinto do Areopago e o accusassem de zombar de um *deos*, que não existia!

caricias da sobrinha, os cuidados de Gustavo e a sua forte compleição zombaram da molestia.

O musico estava impaciente; ainda não tinha ouvido a voz de sua mulher; a rabeça novamente adormecida, repousava n'um canto de seu quarto.

Maria insistia em não querer satisfazer-lhe o desejo, apresentando esta desculpa:

— Titia é, como não fazes idéa, entusiasta da muzica; em ouvindo-me, não pode resistir ao desejo de cantar, e fraca como se acha, pode isso occasionar-lhe alguma recaida. Tem paciencia; espera mais algum tempo.

Não havia remedio; Gustavo curvava a cabeça.

(Concluir-se-ha.)

Dias da Sileta.

O philosopho innocente defendeo-se com a altivez da consciencia. Aquelle que até então dera a mais eloquente prova da sua modestia dizendo sempre — o que sei é que nada sei — recorda agora que o oraculo de Appollo o proclamara *o mais sabio dos homens*. Falla sobre outros pontos, porem nada abala o animo do tribunal.

Ah! Socrastes é a imagem de Jesus ante a impiedade dos Judeos: sua verdade é o esforço baldado de Pilatos para convencer a turba desenfreada dos filhos de Jeruzalem — a bella, a horrorosa.

Comtudo, não se lhe marcando a pena, o philosopho escolhe, segundo o direito que lhe assistia, ser sustentado pela republica no Prytanéo, isto é, no palacio em que Athenas mantinha os bemfeitores do estado concorrendo com grande premio ou pensão para a alimentação delles. Era o epigramma pungente que no ridiculo com que corroborava sua altivez, trazia envolta a injustiça dos seus compatriotas, que treze annos antes inconscientemente atiravam ao ostracismo Aristides, o justo.

Os accusadores de Socrates, ainda despeitados pela sua hombridade delle, sublevam o Areopago, seduzem-no, e este condemna o velho de 70 annos ao fatal calix da cicuta. Era o fel e vinagre do Homem — Deos.

E o philosopho não appellou de tão barbara sentença.

Que mais fazer quando ja tinha ganho a posteridade, quando a sciencia estava nos limites do eu?

Tambem o Nazareno ouviu e calou-se, quando, depois de dizer a Caifaz que era filho de Deos, conhecera que a sede brutal daquelle povo era insaciavel pelo seo sangue.

O sacrificio do philosopho consummou se logo após uma serie de eloquentes preleções sobre a immortalidade da alma.

Tal o filho de Maria — a bemaventurada, do cimo de seo angusto monumento lembrou-se de seo Pae e a elle se recommendou nestas palavras: Pae, nas vossas mãos entrego minha alma —; porque para a eternidade ha varios caminhos, seja o calix de cicuta de Socrates, sejam a cruz e as torturas do Martyr do Golgotha.

E assim pagou a Grecia a sabedoria d'um philosopho; a bravura de um cidadão que por ella se bateo no cerco de Potidæa em Amphipoles; a justiça a que elle persuadio seus patricios depois da batalha de Arginusas; a justiça, que elle desejava ver espalhada por todos no governo celebre dos trinta tyrannos; e finalmente a virtude de sua alma boa, de que dera provas salvando a vida de Alcibiades e Xenophonte na retirada de Delio e supportando com evangelica paciencia os desvarios de Xantipa, sua colerica mulher.

Embora. E' essa a vida dos genios, é essa a historia de todos os vultos eminentes do mundo, que nem as grandes catastrophes podem abalar!

Se o philosopho desapareceu da face da terra, ficou a sua doutrina que enche o universo.

A propria Grecia hoje nas ruinas de sua historia passada ha de engrandecer o filho de Sophronisco — o esculptor, o filho de Phenaréta — a parteira.

Honra a Socrates!

1878.

Auto Pereira.

POESIAS.

A

VICTOR HUGO (*)

(Après la lecture de son discours au centenaire de Voltaire).

Il vit encore en France un centenaire génie,
Soleil à rayonner sur toi, belle Paris.
Paris, ville immortelle, oh ! mère de la sagesse,
Au firmament de l'art, rejeton de la Grèce,
Tu as comme elle aussi beaucoup, beaucoup d'Homères
Des Socrate et Platon — étoiles de lumière.
Tes lois ont un Solon, un homme tel que Thiers,
Qui meurt gravant son nom au sein de l'univers.
Ton ciel, aux flots d'azur, résonne, retentit
Des chants de Lamartine — amour, mélancolie !
Oh ! France, belle France, à toi dans sa bonté —
Dieu dit: — marche, marche, aimant la liberté.
Ainsi naquit Hugo, poète qui toujours
A chanté la patrie, a chanté ses amours.
Poète et philosophe, auteur plus que sublime,
Qui plane comme l'aigle au sein fier de l'abyme,
Abyme de l'idée.

Salut, génie, salut !

Tu es plus qu'un talent — tu aimes la vertu;
Et la vertu toujours inspire tes écrits,
Qui parlent à tout le monde, au monde des esprits.
Tes chants sont pour le pauvre, aux pauvres tu dédies
Ta verve, ton talent — les flots de ton génie.
Tu vas chercher au fond, au fond de la prison,
L'homme qui faillit: — un cri de compassion
S'échappe de ton cœur — *Le jour d'un condamné* —
Dont va trancher la tête, oh ! Dieu ! la société !...
Echo de la bonté — la charité t'anime
Quand tu flétris la loi, la loi qui veut le crime.

Si la noblesse donc n'existe plus qu'au rang
Des hommes qui consacrent au peuple leurs talents,
Dis-moi, génie, dis-moi où puis — je enfin trouver
L'égal de ton talent devant l'humanité ?
Pour toi d'admiration mon cœur tout tressaillit
Et te voyant si grand je me sens très petit.
Voilà ce que je pense: — une sainte terreur

(*) Publicando esta poesia, sentimos não dispor de maior espaço para dedicarmos algumas phrases a respeito do grande homem a quem é ella consagrada.

Fazemos, porem, nossas as palavras do Sr. Vianna dos Reis, e folgamos de encetar o nosso jornal com uma publicação que tanto o honra não só por ser uma homenagem prestada a um raro talento, como tambem por ser um bem acabado trabalho litterario, que muito eleva o seo auctor.

(Da redacção.)

Me trouble, me poursuit, m'écrase—ta grandeur.
 Mais loin d'être jaloux je me flatte d'avoir
 Un cœur pour te comprendre et pour chérir la gloire.
 Ravi, ravi toujours j'admire tes tableaux
 Si pleins de force et vie, de coloris nouveau.
 Ta main, la main d'un maître à nuancer les couleurs
 Empreinte à la nature et ses plus belles fleurs,
 Et son pinceau magique et l'art de son dessein;
 Tu puises jusqu'au fond, tu puises dans son sein.

Quand Dieu veut donner la preuve de son—Etre—
 Le sage du présent dans l'avenir pénétre.
 Plongeant dans le passé, il va chercher la loi,
 Qui donne à l'avenir les sources à la fois
 Du bien et du progrès.

Tu les trouvas poète—

Ces sources si sacrées dans tes idées, ta tête.
 Soleil du genre humain, poursuis dans la carrière
 Où tes pas ont lai-sé des traces de lumière;
 Ta verve, jeune encor, malgré le poids des ans,
 Peut d'un vol traverser la mer, les flots des temps;
 Méprisant l'egoïsme et les vices infames,
 E'claire les nations du flambeau de ton âme,
 Laisse errer ses rayons sur les peuples, les rois,
 Apprend à la raison à connaître ses droits;
 Sous un ciel orageux, du siècle sur les ondes
 Guide l'humanité aux ports d'un nouveau monde;
 Le passé s'éroulant au plaisir des humains
 Tel qu'un mage obscur fuit dans le lointain:
 C'est le temps de fonder; génie, encore un chant!
 Un astre, tel que toi, ne craint pas le couchant!
 Pour les pauvres déjà ta lyre a résonné;
 Il faut au genre humain, poète, une épopée.
 Ta lyre a les accents d'un prophète, d'un Dieu,
 C'est à toi de parler aux peuples malheureux;
 Condamnant les tyrans qui ravagent la terre
 En bannir le fléau, qui s'appelle la guerre;
 Faire aimer son semblable et dire à tous les hommes:
 Nous sommes tous égaux, devant Dieu nous le sommes!

Poète, si je pouvais changer ces durs a cents
 En vers dignes de toi, dignes de tes beaux chants,
 J'irais en ce moment orner de riches fleurs
 Ton front où la vieillesse éclate en sa blancheur!
 Juillet—1878.

Vianna dos Reis.

Tira-Dentes.

Quem esse vultu gigante
 a quem prendem mil grilhões,
 e que no negro patibulo
 recebe, assim, saudações?
 É elle o filho do povo,
 da sã idéa um renovo,

o genio—*Revolução!*
 O martyr da liberdade
 que mostrara á humanidade
 o throno, infame oppressão!

O divino democrata
 que dissera—abaixo o rei!—
 e ao povo, quando luctava,
 —maldito quem diz cancei!—

A aguia republicana
 d'esta terra americana
 que tem na frente—*sereir*,
 que soltando o vôo ousado
 foi, vergonha, condemnado,
 no cadafalso cahir!...

O fraco tornado forte,
 a plebe que se fez nobre;
 o anjo da liberdade,
 que alli se encerra e se encobre;
 aquelle que ousado um dia
 disse ao povo—a tyrannia
 calcal-a hemos, é o mal!
 e o Brazil, vergonha sua,
 conserva a cabeça nua,
 tem a c'róa em Portugal!—

E pensamento tão nobre
 foi abafado ao nascer!
 O sol torrara a semente
 não pôde o fructo crescer!
 A aguia no vôo ingente
 a flecha no peito sente
 e tomba p'r'o chão, ferida;
 assim o filho da luz,
 da liberdade ergue a cruz
 e... cahe na forca sem vida!...

Eil-o além, calmo e sereno,
 fita a grande multidão;
 nos seus labios pousa um riso
 que se traduz—maldição!...
 Encara o povo, entristece,
 nos labios a voz fallece,
 e curva a frente, infeliz!...
 E depois como a palmeira,
 —do valle filha faceira,—
 ao povo, s'erguendo, diz:

Um dia tive um sonho, foi elle ousado, o digo,
 jurei livrar meu berço do jugo d'oppressão,
 mas vedes—essa idéa aqui morre comigo,
 a planta não cresceu, finou se no embryão!

Sonhei o meu Brazil tão livre como a idéa
e o vejo, desgraçado, coberto de grilhões !...
Sonhei-o como a França, tecendo uma epopéa,
seguindo nobre e altivo o passo das nações...

Mas creio qu'esse sangue que ora aqui derramo
será como a semente, bom fructo trazer ha-de—
talvez que cedo mesmo de thronos mil calcados
altiva e nobre s'erga a deusa — LIBERDADE !

julho de 1878.

Alfredo Galvão.

Se te amo?—não sei.

Λ ***

Mon Dieu, fais que je puisse aimer !
Sainte Beuve.

—Si te amo?—não sei: mas dos meus sonhos
E's a doce visão de cada instante;
Mesmo ausente de ti minh'alma gosa
A divina expressão do teu semblante !

—Si te amo?—não sei: mal vi teu rosto,
D'alma todo o sentir te consagrei !
N'esse olhar que é só teu, divino e bello,
Mil vezes venturoso me enlevei !

—Si te amo?—não sei: funda saúde
De ti longe me punge o coração !
Da-me o céo n'um teu riso, da-me, oh bella,
Um suspiro sequer por compaixão !

—Si te amo?—não sei: gostam meus olhos
De ver cheios de luz teus olhos bellos;
Embebeu-se minh'alma na fragancia
D'esses caixos gentis dos teus cabellos !

—Si te amo?—não sei: louco diviso
O macio sorrir dos labios teus;
O perfume das flores da tu'alma
Dá que eu beba feliz nos sonhos meus !

—Si te amo?— não sei: vejo-te sempre
Mais que a brisa da tarde encantadora,
Mais que os risos d'aurora feiticeira,
Mais mimosa e gentil, mais seductora !

—Si te amo?— não sei: soffro, não nego,
Quando scismo de ver-te na tardança;
— Si te amo,— és então o amor primeiro
Que minh'alma sentio, gentil creança !

— Si te amo?—meu anjo, não perguntes:
Serás minha, sou teu, mimosa flôr !
Chamma occulta em meu peito não se extingue,
Ardo n'ella feliz por teu amor ! !

Estancias.

Dosmes !... sôlto o roupão... sôlta a cadeia...
onde sorrindo me prendeste a vida;
si és anjo quando a pálpebra descerras,
és mais ainda, és santa, adormecida.

Colheo a brisa o aroma de mil flores
e veio derramal-o em teu regaço...
quiz fugir-te ao depois... douda enleiu-se
do teu cabello no amoroso laço.

E' ella a myrrha do thurib'lo santo
que em ondas vaga pela escura trança,
celeste essencia... balsamo... perfume...
queimado junto ás aras da esperança.

Doudeja trémula no coral das faces,
sorvendo o aroma que o teu labio exhala,
qual vaga o beija-flor entre as roseiras,
abrindo as azas de brilhante opala.

Como a brisa te vaga pelas tranças,
doudeja-me na fronte a imagem tua,
qual na corrente, que os tufões annelão,
tremúla a face da alvacentua lua.

Na luz dos olhos miro-te o semblante,
e o peito arqueja de voraz saudade !
E' que a estatua não póde em brando acorde
levar-me n'um momento á eternidade.

Mas dorme, anjo de luz, pousada a fronte
da mão de jaspe na formosa palma,
que irá velar-te o ressonar fagueiro
entre os anjos do ceo—tambem minh'alma.

1878.

A. B. Barbosa de Godois.

Typ. do Paiz—Imp. por Christino V. de Campos.

AVISOS.

A redacção desta gazeta pede ás pessoas a quem envia este 1º numero e que não de-
am ainda sua auctorisação para ser consideradas seus assignantes—que devolvam-no
até o ultimo dia do cadente mez, ao escriptorio da redacção, á rua Formosa, n. 40,
no caso de não quererem honra-la com a sua assignatura, que por este meio sollicita.

A assignatura é de 15000 reis por bimestre, paga adiantada.

Os dias das distribuições deste jornal serão de vespera annunciados pelo Paiz.

A ESCOLA

JORNAL CRITICO E LITTERARIO

PUBLICAÇÃO MENSAL.

ANNO I.

NUMERO 2.

SUMMARIO:—*A Escola*, artigo editorial;—*Jogos Floraes*, idem, por Alf. de Barros Lima;—*Da paz perpetua*, extrahido da *Lucta*;—*Um pouco de astronomia*, por J. A. C.;—*O Luxo*, por Jorge Odemira;—*Dous Corações*, folhetim, por Dias da Silva;—*Uma Noute de Torquato Tasso*, por A. B. Barbosa de Godois;—*Já te não amo*, por Baptista Rego;—*Um concerto no céu*, por Frederico Severo;—*A Ceia*, por Souto Roupinho.

MARANHÃO.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO—RUA FORMOSA, N. 40.

Typ. do Paiz—Imp. por Christino V. de Campos.

1878

A ESCOLA

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

No templo do trabalho é hostia, verbo,
sacrario, luz, sacerdotisa,—a imprensa,
a mãe da liberdade.

Thomas Ribeiro.

NUMERO 2.

29 de setembro de 1878

A ESCOLA.

MAANHÃO, 29 DE SETEMBRO DE 1878.

A redacção da *Escola* cumpre hoje um rigoroso dever. Vem agradecer ao publico a benevolencia com que acolheu-a.

Limitado foi o numero das pessoas que se dignaram aceitar a assignatura deste jornal, mas ainda assim folgamos com reconhecer que entre nós existe quem não se negue a animar as letras representadas—embora modestamente—pela mocidade estudiosa.

O nosso jornal não conta infelizmente com grande protecção, mas nem por isso sentimo-nos pouco animados com as provas de consideração que nos dispensaram aquelles que desejam coroar de bom exito os esforços de quem combate pela causa da instrucção. Poucas foram essas provas, porem bastante significativas.

N'um paiz onde as emprezas litterarias têm a lutar com tantos obstaculos, a par do grande indifferentismo votado aos que começam a exercitar-se nas lides da

imprensa, certamente não se pode contar com auspicio futuro para uma gazeta litteraria. Mas se ha quem reconheça tudo isto e almeje ainda ver sazonados os fructos daquelles que se entregam ao cultivo da intelligencia, temos robusta esperanza de que improficuo não ha de ser o nosso commettimento, que é o commettimento de todos os que querem a instrucção, o progresso e a civilisação.

Não recusem os nossos assignantes o sacrificio que começaram a dispensar-lhe, e esta redacção compromette-se a envidar esforços para não desmerecer da sua protecção.

E' a quanto sinceramente pode-se obrigar.

A' imprensa desta capital, que com palavras lisongeiras saudou a nossa appareição no mundo jornalístico, o nosso particular e cordeal agradecimento.

Jogos Floraes.

Abrimos hoje espaço á descripção da festa que em Tolosa celebrou-se este anno por occasião de serem conferidos os premios com que a Academia dos Jogos Floraes ali corôa as obras que acha dignas de dis-

FOLHETIM.

Dous corações.

(Conclusão).

V

Dous mezes depois ia o nosso heroe ouvir pela primeira vez a voz de sua mulher.

D. Margarida, completamente restabelecida, achava-se ao lado de sua sobrinha, na sala do piano.

Era uma noite de luar. Gustavo chegou á janella, contemplou a lua, e lembrou-se da noite em que se julgou ludibriado, ouvindo uma voz de falsete repetir a sua aria favorita. O piano soltou as primeiras melodias: elle correu a uma mesa, tomou o violino e foi postar-se atraz de sua mulher.

Maria, depois de haver phantasiado um preludio, abriu os labios e deixou escapar a primeira nota de seu canto.

Gustavo empallideceu. O arco de sua rabeca, resvalando, tirou um som rouquenho. Elle recusou-se a seguir o acompanhamento da peça, e foi cair sobre um sofá, pallido e com a fronte gotejando.

Uma luta travou-se então n'aquella alma extraordinaria. A voz de Maria era de falsete!

Quando ella terminou seu canto, voltou-se para o marido. Este linha deixado pender a cabeça e estava absorto em seus pensamentos.

—Então, murmurou ella com um riso angelical e tocando-lhe no hombro—eu não te disse què não tinha boa voz? Fiz-te adormecer, não é assim?

O musico ergu-se de um pulo, abriu os braços e enlaçou nelles sua mulher.—Amo-te!—disse elle.

O coração do homem vencera o do artista.

D. Margarida não comprehendeu aquella scena. Nunca fora casada; julgou aquillo uma banalidade conjugal.

A tia de Maria não pôde resistir ao desejo de cantar e por sua vez occupou o piano. Gustavo empunhou rapidamente sua rabeca, e collocou-se junto della. Tinha naquella instante ouvido de novo a argentina e melodiosa voz da italiana!

Amo-as! exclamou elle. Tenho dous corações: um é teu, Maria; é o do esposo, que só a ti pertence; o outro, o do artista, é vosso, minha tia, enquanto possirdes essa voz encantadora.

Maria chorava por não lhe ficarem pertencendo ambos os corações.

Foram felizes. Teve a rabeca uma rival innocente, e Gustavo uma esposa que muito o amava.

Dias da Silva.

tinção. Traduzimol-a do *Polybiblion*, excellente revista bibliographica que se publica em Paris.

Essa Academia, fundada em 1323, na epocha, como diz Cantu, a mais theatral e pittoresca que tem jamais existido (a dos trovadores, etc.), subsiste ainda hoje.

E', pelo que se vê, uma instituição destinada a animar a sciencia e a literatura, estimulando aquelles que possam ou queiram apresentar ao publico as suas produções.

A respeito da sua fundação lê-se em uma linda pastoral—Estella—do Cavalheiro de Florian, a seguinte nota:

«No anno 1323, sob o reinado de Carlos o Formoso, sete principaes cidadãos de Tolosa, sob o titulo da *alegre sociedade dos sete*, escreveram uma carta circular a todos os da provincia do Languedoc, convidando-os a ir a Tolosa ler suas obras em o dia 1.º de maio do anno seguinte, promettendo uma *violeta de ouro* ao que compozesse o melhor romance. Com effeito muitos *trovadores* se apresentaram no jardim dos sete em o dia assignalado, onde entre numerozo concurso foi premiado um tal *Cirventes*. Em fim a sociedade chegou a ser tão famosa, que no anno de 1838, João, rei d'Aragão, mandou embaixadores a Carlos VI pedindo-lhe *poetas da provincia de Narbona* afim de estabelecer em seos estados a *alegre sociedade*. Tal foi o principio da Academia dos Jogos Floraes, a qual recebeu novo lustre quasi no fim do seculo XIV pela liberalidade de uma dama Tolosana, chamada Clemencia Isaura, a quem os habitantes dessa cidade no seculo XVI erigiram uma estatua de marmore branco, agradecendo-lhe assim o haver deixado bens para que de ouro fossem as tres flores que a Academia de Tolosa distribue annualmente em 3 de maio, dia signalado para a distribuição dos premios e em que corôam de flores a estatua. Luiz XIV auctorizou no anno de 1694 esta Academia, que me parece a mais antiga de todas.»

Accrescenta Florian que—nada se sabe de positivo acerca dessa dama, senão o que fica já mencionado,—mas nessa sua mesma obra faz elle fallar um amante, que sendo trovador, canta em verso o romance de Clemencia.

Foi ella uma dama sacrificada em seos amores por um mal entendido rigor paterno, e que vendo succumbir o eleito do seo coração n'uma luta em que generoso salvou a vida do pae algoz,—consagrou a sua fortuna em eternisar o seo malfadado amor, como se vê dos

seguintes versos, que são os ultimos quartetos do romance a que alludimos:

«Em breve morreu a triste;
Mas primeiro que expirasse,
Ordenou seo testamento
Com extranhissimas clausulas.

Mandou pois que eternizando
A fama dos seos amores,
As tres flores, cada um anno,
Os poetas disputassem.

E, para que de ouro fossem,
Os seus bens a isso dedica,
E fiel ao seu mandado,
O cumpre ainda sua patria.»

Eis a descripção que traduzimos:

«No dia 3 de maio a Academia dos Jogos Floraes de Tolosa celebrou, com a solemnidade tradicional, a festa das Flores, nome que se dá á distribuição dos premios de poesia e de prosa conferidos, cada anno, pela Academia. Mr. o marquez d'Aragão, mantenedor (*mainteneur*) occupava a cadeira da presidencia. Achavam-se a seu lado os mantenedores presentes em Tolosa: M. M. F. de Rességnier, Gustave d'Hugues, Delavigne, Hamel, o abbade Duilhé de Saint-Project, de Toulouse-Lautrec, de Cambolas, de Lordat, de Villeneuve-Arifat, d'Ayguevives, d'Adhémar, o abbade Lèzat, de Marion Brésilhac, Marchal, de Sambucy-Luzançon, o padre Causette, Dubédar, et Gatien Arnoult. Esta festa poetica attrahio á sala dos Illustres, no Capitolio, a flor da população de Tolosa.

A sessão começou pelo elogio de Clemencia Isaura. Esta misssão estava destinada, no anno de 1878, a Mr. de Marion-Brésilhac. O mantenedor teve a feliz inspiração de cantar em verso os louvores de Clemencia. Esta innovação foi muito bem recebida. Em seguida, o conde Fernand de Rességnier, secretario perpetuo da Academia, leu o relatorio sobre o concurso do anno. Naquelle estylo impeccavel e distincto cujo segredo possui, Mr. de Rességnier analysou as poesias que obtiveram as flores de Isaura ou que foram distinguidas pela Academia. Depois, passando ás obras em prosa, Mr. de Rességnier viu com pezar a fraqueza do seu concurso. N'aquillo em que podia esperar obras sabias e de força, a Academia encontrou apenas ensaios timidos. E entretanto, que assumpto mais fertil que o objecto do discurso proposto pelo programma: o *Elogio de Montalembert*? Mas o que os concurrentes não poderam ou não qui-

zeram fazer, Mr. o conde de Rességuier fez com uma rara felicidade de idéas e de expressões. As paginas do relatório consagradas a Montalembert constituem um dos melhores elogios conhecidos do eminente autor dos *Monges do Occidente* e de *Santa Izabel de Hungria*. Mr. de Rességuier elegiu em Montalembert o grande christão, o orador eloquente, o escriptor superior, o defensor das nobres causas opprimidas e do valoroso campeão da liberdade de ensino.

A sessão terminou pela distribuição dos premios. Eis a lista das obras coroadas: *Roncevaux*, ode, por Mr. Emmanuel Besson (uma violeta); *André Chénier*, ode, por Mr. Pierre Mieuxset (um malmequer); *O mal do paiz*, poema, por Mr. Léon Advier (uma rosa brava); *Irman Simplicia*, poema, por Mme. Raoul de Navery, de Paris, cujo nome é bem conhecido dos leitores do *Polybiblion* (um malmequer reservado); *Viagem ás Grandes Indias*, por Mr. Tronche, chefe da secretaria do ministerio da guerra (uma violeta reservada); *O velho Fauno*, soueto, por Mr. A. Rocoffort, membro da sociedade Bibliographica (um lirio de prata). Depois da distribuição dos premios, Mr. de Rességuier annunciou a fundação de uma nova flor de 1,000 francos, o jasmim, destinada a recompensar o melhor trabalho de philosophia espiritualista proposto pela Academia. A generosa e muito modesta fundadora deste novo premio deseja guardar o anonymo.

A proposito dos Jogos Floraes temos a felicidade de annunciar aos nossos leitores que uma medalha de prata com a effigie de Clemencia Isaura foi conferida, pela Academia, ao nosso collaborador, Mr. Firmin Boissin, pela sua obra *O Viverez e o Delphinado nos Jogos Floraes de Tolosa*.

L.

Da paz perpetua.

Não pôde passar desapercibido o movimento bellico que se opera em todo mundo, principalmente na Europa.

Todos os governos á porfia concentram toda a sua attenção em um unico objecto—força armada—exercitos permanentes.

Todas as rendas publicas são absorvidas por esses elementos de destruição. Sommas fabulosas que applicadas á agricultura, ao commercio e á industria, melhorariam a sorte dos povos, são empregadas em construcções de *monitores e encouraçados*, de fortalezas, em summa, muitas intelligencias applicam-se á gloria tarefa de aperfeçoar a arte de matar.

Falla-se mais no aperfeçoamento dos *chassepots*,

das *agulhas* e canhões a Krupp do que no melhoramento dos instrumentos agricolas e da applicação da mecanica á industria.

O estado permanente da Europa é o do *paz armada*, e a guerra é portanto a politica dos governos europeus.

O direito da força está em voga. Allemanha deu-nos na guerra de Julho de 1870 o triste exemplo do direito de conquista, e a Europa inteira assistio impassivel a usurpação da Alsacia e da Lorena sem levantar um protesto em prol da França humilhada e abatida.

«A annexação da Alsacia e da Lorena, sob o pretexto de prevenir perigos futuros, não é senão uma conquista pura e simples»

Semelhante annexação longe de prevenir perigos futuros é pelo contrario um *casus belli* em uma epocha que não se pode determinar, mas que sem duvida não está muito distante.

A França prepara-se, espregada a occasião opportuna para tomar um *revenge* da Prussia.

A guerra de 1870 foi uma consequencia das guerras do heroe de Whaterloo.

28 de outubro de 1806 foi vingado em Sedan.

Sedan tambem será vingada.

Prova-o a marcha da politica europea.

Sempre a lei da represalia a presidir os destinos dos povos em suas questões internacionaes!

O que é feito das doutrinas pregadas por Henrique IV, Kant, Saint Simon? Estarão envolvidas com os seus auctores no pó dos tumulos?

«Onde perdeu-se, exclam! Lemonnier, esta folha: *O ensaio da paz perpetua?*»

Onde terá cahido esta semente? Quando germinará ella? O que é feito de Kant? É a elle que é preciso voltar: nem Bonaparte nem Bismarck o fizeram baquear: sua nobre figura está sempre em pé; ella preseruta e aguarda.

Não, não estamos condemnados a voltar aos tempos infausto da media idade.

O tempo dos Atilas e dos Alaricos já passou, e segundo pensamos não está muito distante a epocha em que as nações resolverão as suas questões não no campo de batalha e pela espada, mas no parlamento e pela palavra.

Pensar e fallar—eis a divisa que os povos modernos deverão inscrever em suas bandeiras.

A guerra em pleno seculo XIX é um anachronismo palpitante, a civilisação repelle-a. Entretanto a guerra tem tido defensores.

De Maistre, philosopho catholico, procurando justificar-a, diz: «A guerra é um facto providencial, divino em suas causas como em seus effeitos, é uma expiação, um sacrificio que os homens soffrem como uma lei eterna.» (1)

Semelhaute theoria seria a justificação de todas as iniquidades de que nos faz menção a historia: Seria a justificação do desmembramento da Polonia, desta tão heroica quanto infeliz nação, que vive hoje sob o dominio da Russia, da Austria e da Prussia; seria ainda a justificação da usurpação da Hungria, sob quem pesa o poder austriaco.

Alexandre o Grande, Napoleão I, Tamerlan, Gengiskan, os arabes arremecendo-se sobre o Occidente e procurando impor-lhe o seu jugo, e com este as suas leis e costumes, foram instrumentos da Divindade, que comprazia-se com o horror da carnificinia e em derramar o sangue humano!

Sempre o absolutismo procurando justificar as suas tyrantias com o auxilio de Deus, a quem emprestam os seus desejos e paixões!

Não foi outra cousa que fez um escriptor dizer: «Foi o homem que fez Deus á sua imagem e não Deus o homem á sua.»

A theoria de De Maistre é, portanto, a condemnação da propria Divindade.

Não ha, diz Kant, duas especies de moral, uma para reger os individuos em suas relações civis e outra para reger as nações;—uma para o direito internacional, outra para reger os governos na esphera do direito publico.

O que é verdadeiro para o homem considerado como individuo, o é tambem para o genero humano. (2)

A moral é uma só, universal, invariavel, e o que é permitido a respeito do individuo, sel-o-ha tambem a respeito das nações.

A guerra é tão injusta, tão prejudicial de individuo a individuo, como de nação a nação.

Terá o individuo offendido o direito de vingar-se, de fazer-se justiça pelas suas proprias mãos? Não, por certo, sujeita-se á decisão dos tribunaes. Ora, se isto se dá a respeito dos individuos, se a vingança é um signal caracteristico dos tempos barbaros, porque razão quando uma nação recebe de outra uma offensa, vai procurar desaggravo no campo de batalha, com o sangue, com a morte, em vez de pedir-o aos tribunaes?

Será, por ventura, porque a guerra é uma necessidade social? Não.

Da sua existencia em todos os tempos e lugares, do caracter universal que apresenta, não se deve concluir sua necessidade.

Ella existe, mas não é um facto necessario; existe, mas reprovada, stygmatisada pela consciencia social; existe, porque as nações ainda teimam em conservar os exercitos permanentes, sustentaculo dos despotas; existe, porque o direito de fazel-a ou decl'aral-a pertence ao rei e não ao povo, sobre quem pesa todo o seu onus, e que fornece na bella expressão de Lemonnier, *la chair a canon*.

Não, a guerra não é um facto necessario. Isto seria contradicção entre a lei divina e a lei humana. «Não é, nem pode ser distincta a lei do mundo da lei de Deus. Ora, a lei de Deus não é a guerra, é a paz. Começaram os homens pela lucta, como a criação pelo cahos. D'onde vem elles? Da guerra, é evidente. Mas onde vão elles? A paz, não é menos evidente.» (3)

Mas como se poderá realizar a paz perpetua?

Pela federação das nações, pelo estabelecimento de um estado juridico internacional, responde ainda Lemonnier.

Nem se julgue impraticavel o projecto do distincto escriptor francez.

Os Estados-Unidos offerecem notavel exemplo.

Assim como por meio de um estado juridico civil se conseguiu manter a paz e a ordem entre os individuos, assim tambem pelo estabelecimento de um estado juridico internacional se conseguirá fazer a paz entre as nações.

Tal é o *desideratum* dos povos modernos.

1875. (Da Lucta.)

Um pouco de astronomia.

Poucas sciencias ha tão ignoradas como a astronomia.

Vá alguém convencer o vulgacho de que nosso céu é todo apparente; que aquillo a que em geral se dá esse nome, nada mais é do que um aggregado de atmosphera, e não uma massa compacta e incapaz de se quebrar; que o throno de Deos não se acha collocado sobre essa massa, d'onde rego elle o universo, vibra seus raios, castiga os máos e recompensa os bons, tendo ahí ao pé de si os virtuosos e os santos sempre a entoar-lhe hymnos; que não existe porta

(3) V. Hugo—Discursos.

(1) Soirées de S. Petresbourg.

(2) J. Simon—La Liberté Politique.

do céu, da qual é chaveiro S. Pedro; que a terra não é plana; que anda; que o sol é fixo, e que finalmente no centro d'ella não se acha o inferno, onde soffrem eternamente os que neste mundo se affastarão da virtude e abraçarão o vicio.

Quem o tentasse, seria convencido de louco.

Entretanto, se o universo se limitasse a esta dualidade *céu e terra*, bem pequeno era elle por certo.

Este quadro acima tão mal esboçado recorda-me uma estampa da *Histoire du ciel*.

Esta estampa, que é de tempos idos, ainda hoje prevalece.

Tão pequeno, tão acanhado esse quadro, quanto maravilhoso e sublime é o da realidade.

Abisma-me, meu Deos, pensar no universo!

Considere-se esse numero infinito (e quem pôde comprehender o que é o infinito!) de estrellas, manchas enormes suspensas e equilibradas no espaço, servindo de centro a um cortejo de planetas que as seguem fatalmente.

Aqui um systema, alli outro, mais além outro e sem fim sempre novos systemas.

Preparaes-vos, si for possível, leitores, para fazer uma viagem a esses corpos.

Gastai 100, mais 200, mais 1,000 annos, andando sempre com a velocidade da luz. Terieis no fim de tanto tempo percorrido talvez todo o universo, não vos parece?

Pois bem. Repeti vossa viagem por milhões e milhões de annos, andando sempre com a velocidade da luz, e ainda assim não terieis dado um passo no universo!

E' pelo menos o que aproximadamente nos ensina o nosso joven Camillo.

Com esta nova idéa do universo apparecem logo ao nosso espirito questões gravissimas, quaes:

Essas estrellas (no numero das quaes entra o sol) e planetas são habitados?

Onde fica, pois, o céu, onde o inferno e o purgatorio?

Não haverá um limite qualquer ao espaço?

A 1.ª das tres questões que estabeleci, acha-se brilhantemente resolvida no sentido affirmativo.

O materialista Lucrecio—, um representante da igreja catholica, o cardeal de Cuza,—um dos martyres da sciencia, Jordano Bruno, além de muitos outros, reconhecem o absurdo de quo, havendo tantos e tantos milhares de estrellas e planetas, só um dos mais insignificantes planetas de uma dessas estrellas fosse dotado de seres viventes, jazendo todos os mais

na inactividade completa, sem que se saiba então o fim para que forão creados. Não. Deos não faria uma obra tão incompleta, não limitaria a vida a este grão de areia perdido no deserto do Sahara.

Eu, pois, apesar de obscuro e mediocre, como confesso ser, aceito convicto a pluralidade dos mundos habitados.

Esta theoria, não se diga, está em opposição á nossa Biblia. Flammarion demonstra o contrario (*Pluralité des mondes habités*).

Acerca da 2.ª questão, quem pôde, a não ser um impostor, determinar a morada de Deos, o logar onde nossas almas, depois de separadas de seu involucre material, recebem o premio de suas virtudes, ou o castigo de seus crimes?

Quem determinar a natureza desse Ser Supremo, o modo e duração das penas e recompensas que nos impõe?

Ou creia-se na metempsychose dos brahmanes, ou em nossa ida para o ether, subindo gradualmente até ao sol, como Figuiet estabelece, tudo o que se disser a esse respeito são devaneios, tudo ficções.

Estude o homem quanto quizer: nunca conseguirá passar além do limite que lhe foi traçado por Deos. A meu ver neste ponto tanto sabe o mais sabio, como o mais ignorante.

Quanto á 3.ª questão, si o espaço é ou não limitado, apresento aqui nma demonstração, que é de Buchner.

«Tous ces corps (falla das estrellas) suivent les lois de la gravitation et sont soumis á une attraction reciproque.

Des qu'on leur trace des limites l'attraction trouve un centre imaginaire, une resultant idéale et le monde s'agglomère en un seul globe.

Quelle que soit la distance qui separe les astres les uns des autres, leur reunion aurait dû necessairement se produire á un moment donné.

Mais ce fait n'arrivant pas et n'étant jamais arrivé, malgré la durée infinie de l'existence du monde, l'hypothese tombe d'elle même. Or, cette attraction des corps celestes vers un centre déterminé ne peut être empêchée qui par l'existence d'autres globes qui se trouvent au delá des bornes du monde visible et qui exercent leur attraction en dehors de lui—et ainsi à l'infini. Par consequent toute limite imaginaire anéantirait le monde.» Tr. franceza.

A opinião de Buchner, que de passagem se diga, é tambem das maiores notabilidades em astronomia, é

contado ainda hoje posta em duvida, e mesmo inteiramente contestada!

Nada tem, porem, que ver a sciencia com contestações sem fundamento algum, sem provas que destruam suas demonstrações.

Hoje seus passos são de gigante. Ella caminha desimpedida, destruindo os tropeços que se apresentão á sua frente.

Não sei quem em plena Europa contestou a Flammarion a infinidade do espaço.

Fosse quem fosse, o certo é que esse espirito mequinhão, parece, não pôde elevar-se á altura precisa para contemplar tão grandioso, quão sublime espectáculo!

S. Luiz, 15 de setembro de 1878.

J. A. C.

O luxo.

E' muito commum ouvir por ali a cada canto blasphemar contra um dos fructos mais pesados da civilisação—o luxo.

Os pais de familia põem as mãos na cabeça toda vez que apparece uma moda nova.

—Meu Deus, dizem elles, aonde irá isto parar?

Os philosophos, que entre nós são uns certos sujeitinhos muito admirados pelo desalinho e, ás vezes, pouca limpeza com que se vestem—encaram com olhar sinistro as sedas e os brilhantes e soltam a meia voz uma phrase terrivel.—E' assim que começa a decadencia de uma nação.

Os estadistas levam o seu odio pelo luxo até o ponto de o sobrecarregarem nas alfandegas com onerosos impostos, tornando-o cada dia mais caro.

O negociante, que é negociante de modas e ao mesmo tempo chefe de familia, diz em casa, convicto de dizer uma grande verdade:

—Minhas filhas, o luxo é o mais temivel inimigo da virtude. A candura, a innocencia e a belleza não precisam dos atavios e arrebiques das modas para brilhar na sociedade.

Mas, na loja, quando entra qualquer familia para comprar uns modestos vestidos de casa de salpicos, o negociante desdenha da singeleza com que meninas elegantes pretendem vestir, e faz a apologia, repetida a centenas de edicções, dos encantos e da magestade que pode dar a uma moça a riqueza do seu trajar.

Para conseguir vender as suas modas, o negociante chega a ser um artista, e muitas vezes um poeta, sem dar por isso.

Descreve as linhas e as formas com que o vestido deve cair, e pinta com tal arte o arrastar da sua longa cauda e o borburinho das sedas e das saias n'um turbilhão de movimentos indescriveis e caprichosos que ás meninas já não ha forças humanas que as arredem d'ali sem os seus custosos vestidos.

E digamos o que é justo dizer—ellas tem razão—e tem-na os honrados negociantes tambem, quando são negociantes—sômente.

O chic, a elegancia, a fascinação pelo bello, a ad-

miração pela arte, a plastica, a poesia, o amor não podem existir sem o luxo.

Um magnifico quadro mais realça em uma magnifica moldura.

Uma rainha sem os adornos da realeza—pôde ficar sendo uma excellentissima senhora, uma santa senhora, caritativa, esmoler, amavel para com todos, digna de todos os nossos respeitos—mas deixou de ser uma magestade.

Na côrte do Céu mesmo se revela esta tendencia para o luxo.

As santas que vemos nos altares e nas procissões, quanto mais ricamente vestidas vão, tanto mais respeito nos impõem.

Nos proprios monumentos, hoje, a ornamentação é tudo. Os tempos da singeleza da Grecia não são os de nossos dias.

Cada civilisação tem o seu genero de poesia bem distincto.

A poesia do nosso seculo, em relação á mulher, é o luxo.

Uma minina bem calçada, com o pé mimosamente comprimido em uma pequenina botina, a qual manda sempre um sorriso de malicia a cada olhar indiscreto,—tem outros attrativos que não teria se calçasse umas alpercatas ou uns borzeguins.

Era bem singella e artistica a chamyde antiga, plasticamente fallando.

Lá isso, era. Uma cintura, porem, delgada e seductora como os sonhos da infancia, falla muito melhor á imaginação da mocidade, no meio da civilisação moderna.

Um vestido, então, bem talhado, cahindo descuidosamente, e estendendo-se em grande cauda, imprimindo nos movimentos, e nas mais pequenas rugas, as sombras e os traços de uma primorosa esculptura, é para inspirar um poema em verso alexandrino, e em dez ou doze cantos, a qualquer poeta das salas.

E' uma contribuição bem pesada o luxo, não o nego, mas não digam que podemos viver sem elle.

Por qualquer lado que se observe, reconhece-se logo a sua necessidade.

O luxo já tem enriquecido muito pobretão, e empobrecido muito ricasso.

Os utilitarios não lhe podem fazer recriminações, por tanto neste terreno.

Agora, se quizerem voltar á idade primitiva, não tem mais do que fallar.

Atirar-nos-hemos á elegancia da folha de figueira. E' muito mais barato

Jorge Odemira.

Uma noite de Torquato Tasso.

Leu poderia no seu rosto equaldo
quem entende de amor, amor sem esperança?

TASSO.

No lago transparente das estrellas,
onde em gondola azul caminha a lua,
sultana altiva na amplidão siderea,
que os astros cercão e que entre os soes fluctua,
porque te miras, pallida Eleonora,
quando eu perto de ti palpito amante?

Vê-te em minh'alma, que é chrystal d'amores,
lago de prata, que não vaga errante...

Qual rolão as vagas no dorsel dos mares
e quebrão a espuma na deserta praia,
se embução os astros no seo manto negro,
e a faxa escura o scintillar desmaia.
Busca minh'alma! Lá reflecte a aurora,
o mesmo sol que enlouquecera Dante:
nunca se turva, que é chrystal d'amores,
lago de prata que não vaga errante...

És maga estrella, si te vês no espaço,
que se declina quando rompe a aurora...
gota de orvalho n'essa flor immensa,
que o sol aquece e que a manhã colora.
Eu na minh'alma não alimento luzes,
qual flamma etherea de brilhar de instante;
mira-te n'ella, que é chrystal d'amores,
lago de prata, que não vaga errante...

Mas ah!... reclinás a tua fronte loura
e ás ondas lanças divinaes olhares;
talvez que ao longe esbranquiçada vela
debatte busques na amplidão dos mares...
Louca!... Desperta do scismar tão cedo!...
Dá-me um dos raios de teu olhar brilhante:
tenho-te d'alma no chrystal d'amores,
lago de prata, que não vaga errante...

Deixa a ardentia borrisar a espuma,
quando se agita no inconstante leito...
são vaga-lumes de outra côr... medrosos...
que o vento beija e lança além desfeitos.
Scismar é morte que truceida um'alma,
cerque-a o martyrio ou placidez volante;
só vida um peito, que é chrystal d'amores,
lago de prata, que não vaga errante...

Não vês que o sol ao pernoitar no occaso
roubão-lhe as aguas o seo manto louro?
o mar se almeja guarnecer de perolas,
e tens um sol no teu cabello d'ouro.
És astro, e os astros vão buscar-lhe o espelho,
vão se mirar no lodçal radiante!
Foge-o! eis minh'alma, que é chrystal d'amores,
lago de prata, que não vaga errante...

Mas tu não sentes este amor de bardo!
oh! nunca saibas o que é a vida inquieta,
quando o martyrio se nos grava n'alma
e pulsa ardente o coração do poeta!
Ah! si souheras, ó Ferrara altiva,
que ceo d'amores lúz n'um peito amante,
vieras mirar-te no chrystal d'est'alma,
lago de prata, que não vaga errante...

Somes-te esquiua e a gargalhada estala!
As minhas preces vaes chamar loucura!
Queres monarchas que te off'reção c'róas
que o brilho apagam na caverna escura...
Deixa-os! São restos de cyprestes murchos;
n'elles não bate um coração de Dante!

só dão-te sceptros, mas não dão-te um'alma,
lago de prata, que não vaga errante...
1878.

A. B. Barbosa de Godoes.

Já te não amo.

*Souvent femme varie
Et bien sot est q'y se fie.
Lafontaine.*

Confesso, virgem, que te amei e muito,
Como as flores o sol, a brisa o lago,
Ao romper da manhã;
Mas então eras cândida, formosa,
Eras um anjo, que adorei na terra
Com firmeza e afan!

Teo angelico rosto fascinou-me;
Ao contemplar-te um dia, a vez primeira,
Quasi louco fiquei;
Humilde sujeitei-me aos teos caprichos,
E no mundo o que ha de mais sagrado
Por amar-te olvidei!

Inflammaste minh'alma com um sorriso,
Ateaste em meo peito viva chama
Com um olhar de ternura,
E os élos de amor, que me lançaste,
Por gosto supportei—rendendo preitos
A' tua formosura!

Lisongeira, inconstante em teos affectos,
Nunca a ninguém amaste, pois a todos
Tu finges ter amor...
E eu, que por teos encantos seduzido,
Submisso a teos pés passara a vida,
Amei-te com fervor!

Vivi por algum tempo neste engano,
Em meo peito nutrido uma esperanza,
Que me dava prazer;
Desfez-se essa illusão, que me vendava,
Deixando-me n'um leito entre os horrores
De penoso soffrer!

Fui trahido por ti, mulher ingrata,
E o quanto padei, oh! não perguntes,
Quasi morro de dor!
Mas o tempo envolveo com os meos pezares
Na sepultura que tu mesma abriste
O teu nefando amor!

E hoje nem me resta já lembrança
Das horas que a teu lado embevecido
Em t'asis passei;
Em meo peito murchado uma por uma
As saudades que outr'ora conservava
Do muito que te amei!

Arrependida, talvez que inda do peito,
No silencio da noite, um al sentido
Por mim soltes em vão...

Debalde! Só feliz—já te não amo—
A tua pallidez em vez de amores
Me inspira compaixão!

S. Luiz—1862.

Baptista Rego.

Um concerto no céu. (*)

A. J. M. Pereira e Souza.

Era um dia de orgia no universo!
Abria a Eternidade os seus salões,
As nuvens, bandeiras azuladas,
Fluctuavam na fachada ás virações.

Havia n'essa noite grande festa
—Um concerto colossal na Eternidade;
Cantava Prima-Dona a ventania
Na Opera do infinito—a Tempestade.

O céu tornou-se escuro, quasi negro,
Ao passar d'azas soltas o tufão:
Era o pó dos velhos moveis sacudido
Ao penacho dos laçaios d'amplidão.

Os dedos da lufada penteavam
A coma verde-negra da floresta,
O trovão garganteava a cavatina,
Que tinha de cantar na grande festa.

O riacho, saltitando pelas pedras,
Estudava na floresta uma canção,
O nordeste, nas enxarcias dos navios,
Ensinava barcarollas ao tufão.

Tudo enfim se preparava; até as sombras
Dos grandes, pequeninos, dos Antheos
Despiam-se dos sudarios poeirentos,
Erguendo-se ao festim dos Briareus.

A noite despontou. Na Eternidade
Da orchestra colossal o som se ouviu;
D'electricas fagulhas, luz em tiras,
A fachada d'amplidão se revestiu.

Marcava a cachoeira o andamento
Na queda harmoniosa e regular,
E a lufada pelo bosque, em longas notas,
Convidava o vendaval para afinar.

Soluçava a natureza o ritornello
Da aria do tufão, na selva escura,
E Deus regia a orchestra no infinito
Com o céu por gigantesca partitura.

Terminou com grande forte pela orchestra,
Um galope do trovão—a Trovoadá!!
A terra que dançava, cahio tonta
E ficou por um só eixo pendurada.

As mumias applaudiram, e os rochedos
Quebraram-se de bater palmas ao mar;
Os campos atiraram tantas flores,
Que o tufão não teve mãos p'ra levantar.

Chamou a humanidade admirada
Ao concerto dos titans—a Tempestade!
O oceano deu abraços no infinito,
E Deus comprimou a Eternidade.

Côrte - junho—78.

Frederico Severo.

A ceia.

À FREDERICO SEVERO

(Depois da leitnra dos versos—Um concerto no céu.)

Depois de haver o concerto, tambem houve refeição:
o banquete foi immenso, do tamanho do salão;
a prima-dona esfaimada, era ella a Ventania,
que nessa noite soltara oceanos de harmonia;
atirou-se a uma empada feita d'olhos de mosquito
e devorou um bom prato de costellas do infinito.

A Lufada comeo pouco, uma perna de elefante;
só bebeo avidamente, como bebe uma bacchante;
o Trovão sempre entoando sonoras cavatinas,
só de soupa de coriscos repetio duas terrinas!
O Nordeste, que tambem os pulmões enfraqueceo,
restaurou as suas forças engulindo um Prometheo!

O Tufão servia a festa solfejando a barcarolla,
quando o louco Vendaval, como minino de escola,
uma tigella de caldo derramando sobre a mesa,
lambusou o mantelete de madame Natureza!
E os laçaios da amplidão correndo sem mais demora
com os penachos sacudiram o vestido da senhora.

A caduca Eternidade, na cabeceira assentada,
só de ver muita gordura ficou bastante enjoada,
pelo que se fez depressa um caldo de rouxinol,
que foi fervido á vapor na grande bocca do Sol!
Feliz idéa! A velhinha desenruga a fronte sua
e devora uns ovos fritos na frigideira da Lua!

Houve grande bebedeira. O Trovão cambaleou
agarrado á Ventania que tantos versos cantou;
a Lufada, ja sem força, na fachada da amplidão
recostou-se acabrunhada pelas furias do pifão.
O Nordeste que de vinho um Amazonas bebeo
todo em aneias vomitou o famoso Prometheo.

Receiando o Padre Eterno sobrevir indigestão
maudou vir pelos laçaios la dos Andes um vulcão,
que levasse, uma floresta de macella e puxery,
assim como um oceano de garrafas de Vichy.
Quiz tambem mandar buscar mil arrobos de maná
o qual seria applicado caso não bastasse o chá.

Tudo foi desnecessario, que os convivas adornados
ficariam eternamente no silencio mergulhados,
que nem palmas de rochedos, nem Mumias e nem Antheos
despertariam ja mais do somno de Briareos,
si tu, vate do concerto, tangendo teo rabeção,
não desses eixos á terra pondo-a de tonta no chão!...

Souto Roupinho.

(*) Transcrevemos do Paiz esta poesia para melhor instruirmos os leitores a respeito da que segue-se-lhe, composta por um dos nossos collaboradores.

(Da redacção.)

Typ. do Paiz - Imp. por Christino V. de Campos.

A ESCOLA

JORNAL CRITICO E LITTERARIO

PUBLICAÇÃO MENSAL.

ANNO I.

NUMERO 3.

SUMMARIO.—*A Escola*, artigo editorial sobre o passamento do conego R. A. dos Santos;—*O «Matuto»*, romance de Franklin Tavora, idem, por Alf. de Barros Lima;—*A morte*, por J. A. C.;—*Uma educação europea*, folhetim, por Solferi;—*Os bailes á moderna*, poesia, por Gil Meuncio (o Miudinho);—*Supplica*, idem, por A.;—*Amarguras*, idem, por C. Castro.

MARANHÃO.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO—RUA FORMOSA, N. 40.

Typ. do Paiz—Imp. por Christino V. de Campos.

1878

A ESCOLA

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

No templo do trabalho é hostia, verbo,
sacario, luz, sacerdotisa,—a imprensa,
a mãe da liberdade.

Thomas Ribeiro.

NUMERO 3.

5 de novembro de 1878

A ESCOLA

MARANHÃO, 5 DE NOVEMBRO DE 1878.

A dura realidade da morte acaba de se fazer sentir na pessoa do conego Raimundo Alves dos Santos, cujo passamento teve lugar nesta cidade a 13 do passado.

A *Escola* cobrindo-se de luto por tão infausto acontecimento, inscreve na sua pagina de honra o nome d'aquelle sacerdote, que tendo sido tambem um dos preceptores da mocidade, era duplo facho allumiando os espiritos.

Como sacerdote, os seus merecimentos e a confiança que inspirava aos seus superiores elevaram-no a honrosas cargos e subidas dignidades.

Como lente do Seminario e do Lyceo desta cidade, onde por muitos annos ensinou a lingua latina, que elle tão a fundo conhecia, a sua urbanidade para com os discipulos e a sua dedicação á publica instrucção grangearam-lhe respeito e sympathias.

A *Escola* cumpre, pois, um dever, consagrando estas palavras á sua memoria.

O «Matuto» romance de Franklin Tavora.

Franklin Tavora, o critico das *Cartas a Cincinnati*, o dramaturgo de *Um mysterio de familia*, acaba de

FOLHETIM

Uma educação Européa.

Infelizmente a vaidade e a aristocacia mal entendidas continuam enfranchadas nos paes de familia, especialmente nesta terra que se chama Athenas Brasileira.

Um menino mal sabe comprehender um dos mais sagrados deveres do coração—o amor filial—; mal sabe conhecer algumas letras do alfabeto portuguez, seu pae, embriagado pela vaidade, separa-o da familia, mandando-o estudar á Europa, só por que dispõe de alguma fortuna.

enriquecer as letras patrias com um primoroso romance, *O Matuto*,—segundo livro da litteratura do norte—litteratura por elle iniciada no *Cabelleira*, primeiro romance que neste genero publicou.

Os *mascates*, na parte puramente historica; os costumes sertanejos, na parte propriamente romantica; os conceitos moraes em quasi todos os capitulos da obra—eis o util e o agradavel do *Matuto*, cujas scenas têm o seo theatro na provincia de Pernambuco.

Instructivo, elle descreve e acompanha das mais sensatas considerações grande parte dessa guerra odienta e caprichosa, travada, como diz o autor, por dous grandes principios, o commercio e a agricultura, que divergentes em seo desenvolvimento, e encontrando parciaes interesses e creando rivalidades fraternalas levaram a hostilizar-se «como se fossem dois povos barbaros e inimigos, como se não tivessem laços communs—a mesma nacionalidade, a mesma religião, a mesma lingua, as mesmas leis»—os divididos membros da familia pernambucana.

Deleitavel, elle apresenta ao leitor passagens interessantes, episodios poeticos, factos no seo todo agradaveis, que enchem a vida do habitante da solidão, cujo character o autor desenhava com profundo conhecimento, destacando algumas vezes as maldades e perversões para fazer sobresahir sempre os bons sen-

Insensatos, julgam que a intelligencia se consegue a peso do ouro, nos balcões da vaidade!

O menino separado do lar bemaventurado em tão tenra idade, sem os salutareos conselhos paternalas, sem a necessaria experiencia do mundo, principia a fazer tudo quanto lhe vem á cabeça, sem se importar com as palavras d'um director de collegio, mesmo porque quasi sempre esses directores só querem receber pontualmente as mensalidades dos alumnos, pouco se lhes dando a missão assaz importante de preceptores da mocidade.

Vae o menino crescendo livremente; aproxima-se-lhe a vida de fatal das illusões, e ell-o em pandegas, nos botequins, nas portas dos bordéis, emfim no coração de todos os males que ferrem a materia e aniquillam o espirito!

A corrupção estreia com o champagne, a cerveja, o fambre e

limentos e a sinceridade que em geral distinguem o typo do nosso sertanejo.

Sempre moral, elle exhibe-se em paginas de edificantes exemplos, que bem alto fallam ao coração e que têm o seu lugar distincto na sciencia da physiologia humana.

Haja vista a longa paciencia de Marcellina, esse «modelo vivo da mãe pobre, boa e virtuosa» influido tão beneficentemente para fazer de Lourenço «desse trefego Lourenço, infeliz fructo de união reprovada, precozmente apodrecido nas dissoluções da povoação pobre de instrucção e rica de miserias e máos exemplos; dessa creatura humana com entranhas de tigre: em quem se vê sempre na mão o pão ou a faca prestos para offender ou ferir a quem estava perto, a pedra para alirar contra quem estava longe; desse ente essencialmente malévolo, que cortava, por gosto de fazer mal, os gerimuzinhos ainda na herva, arrancava as batatas verdes, despedaçava os maturis» — para fazer, dizemos, «desse espirito diabolico, desse coração duro» uma alma virtuosa, um coração de honrado, que ao cabo de poucos annos consolava a viuva afflicta e estendia a mão á donzella orphan, dirigindo-lhe estas santas palavras no momento supremo em que abyssavam-se mãe e filha na contemplação da sua desgraça e inqueriam da sorte o seu futuro: «E onde estão os outros filhos de Deos? Onde está meu pae? Onde está minha mãe? Onde estou eu? Deos é Deos em toda a parte, e quando tira um arrimo ao necessitado, já tem posto outro diante dos olhos d'elle.»

Deixando de parte as apreciações do autor e a sua longa narrativa da guerra hoje no dominio da historia, fallemos da felicidade com que elle descreve as festas sertanejas, mostrando aos que nunca sahiram da corte «onde os regosijos publicos se vestem de fi-

garias mais appetitosas, e termina com o cognac e o pão mais negro da vida: é feliz o protagonista deste drama compungente; se, principiando nos salões, nos grandes hotéis, não finalisa n'uma estreita enxovia.

E vivam a Europa, a liberdade mal pensada; e viva o indifferentismo dos directores que é preferivel aos rubujentos conselhos d'um experiente e encanecido pae!

O pae, coitado, em vista das boas informações que tem do filho, não cessa de remetter-lhe as libras necessarias para despesas ordinarias e extraordinarias, a ultima dos quaes toma o caracter de disposição permanente no seu orçamento, porque quando não é por um roubo que lhe fizeram, presentes feitos a amigos dedicados, a quem era mister retribuir as finezas recebidas, — é para a compra de uma ultima obra que se publica, ou para um passeio de instrucção a um lugar imaginario, etc.

tas, sêdas, bandeiras, arcarias de sarrafos pintados, illuminações graciosas, fogos de artificio, etc.» que «sem este apparatus deslumbrante e unicamente com a materia prima que offerece a natureza, podem preparar-se deleitosos momentos para os espiritos mais difficéis de contentar»

E como se lhe não bastasse fallar da fogueira que illumina o pateo da casa «no qual se vê uma laranjeira florida, uma mangueira copada, um cajueiro ramalhudo; do riso argentino das creanças, dos sons da viola, das saudosissimas toadas do matuto cantador» reproduz, não se contentando com mencionar, os *desafios dos louvadores* á porta, — singelos e muito naturaes versos, que caracterizam a poesia popular.

Apreciem os leitores estes, que o autor collecciona com mais alguns:

Mangerião verde-escuro
Tem a folha miudiaba;
Só em te ver eu te amo;
Que fôra se fosses miuba?

Passei pela tua porta,
Puz a mão na fechadura;
Eu fallei, tu não fallaste,
Coração de pedra dura.

Men passarinho tão manso
Das minhas mãos escapou;
Para mais penas me dar
Penas nas mãos me deixou.

Mangerião verde cheira,
Elle secco cheira mais;
Mulher que se fia em homem
Anda sempre dando ais.

O pobre velho vai engulindo umas, e se engasgando com outras mentiras, até que, contrariado por informações más, alias exactas, do procedimento do filho, resolve-se a reprehendê-lo, aconselhá-lo e mostrar-lhe o futuro. E' nesta occasião que o herôe quer exhibir as provas do seu talento, e pede a um amigo intelligente qua lhe faça a norma de uma carta tocante, em francez, inglez e allemão, que o velho e os mais parentes do Brazil lhe fiquem a dever.

A idéa é bem succedida.

O velho manda ler a carta por interpretes dessas linguas e acreditando na philosophia e philancia do filho chega a maldizer o detractor do rapaz; e em paga, a par das impressões brandas e lisongeiras, remette-lhe as necessarias *sterlinas*.

D'esta arte está o herôe de novo habilitado, e toca a gastar. . . Nós queremos dar um esboço desta educação extemporanea.

Eu de cá e tu de lá,
Fica um rio de permeio;
Tu de lá dás um suspiro,
Eu de cá suspiro e meio.

Estes versos são cantados por uma rapariga *candéa*, n'uma noite em que ella sustenta o seu motivo, ao rufar do *pinho* e por entre as dansas do *côco* e da *bahianna*, contemplando de perto o objecto dos seus amores.

Menos feliz não é o autor no seu estylo. Elle o tem simples, accommodado á intelligencia de todos, opportunamente ornado do colorido bello e elegante, opportunamente identificado com o discorrer do povo «illustre sabio que versa a sciencia da linguagem com autoridade e propriedade que lhe invejam os sabios de maior conta.»

Eis as considerações que nos suggerio a rapida leitura em que nos detivemos a apreciar as bellezas do *Matuto*.

Do que ahi fica, que é menos uma critica do que uma noticia, poderão os leitores julgar da feição e cunho que Franklin Tavora pretende imprimir á *litteratura do norte*.

E' muito de crer que vista mais perspicaz e espirito mais culto que o nosso possam descobrir na obra alludida defeitos talvez merecedores de censura mesmo severa.

E' possivel, que nem se pode exigir do homem perfeição em suas obras.

Mas falle então quem se julgar autoridade.

Alf. de Barros Lima.

A morte.

Ha pouco o acaso deparou-me uma obra em que vinha narrado o monstruoso crime de Traupmann, praticado contra a infeliz familia Kinck.

dessa instrucção ficticia, de que temos os mais palpantes exemplos.

Vejamol-o:

Leandro Silveira emigrou de Portugal para a cidade de ... afim de procurar fortuna.

Estabeleceu-se, e em pouco tempo contrahio casamento com a filha de um seu collega que deo-lhe um dote soffivel, augmentado de anno para anno, porque elle sabia ganhar e economisar. Desde então principiou elle a considerar-se feliz.

Um anno depois do enlace, noticiava Leandro a seus amigos o natalicio de um filho, e de um menino, na expressão sua e da esposa, de belleza extraordinaria, presumpção de todos os paes, ainda mesmo que o filho seja a ironia da perfeição. E' es-

Li cheio de sensações os promenores desse crime, cujo auctor ainda no começo da juventude, quando o coração mais se inclina ás affeições moraes, se lembrou, qual tigre, de lançar-se sobre uma pobre familia, derramando seu sangue com toda a crueldade para se apossar de meia duzia de contos de réis do que desgraçadamente era ella possuidora.

Nem as innocentes creancinhas poupou esse monstro!

Mesmo para com ellas seu coração, si o tinha, nenhuma piedade mostrou!

Para conseguir seus fins começa fingindo-se amigo da familia, e desfazendo-se do pae e do filho mais velho, enviando-os successivamente ao tumulo, eis crava não menos de trinta golpes na infeliz Hortencia que até achava-se grávida, e em seguida brutalmente atira-se sobre os filhos que ainda lhe restavão!

Acompanhemos, leitores, o prestito que leva á sepultura esses cadaveres disformes e todo mutilados, e ouçamos as considerações que por essa occasião faz o auctor do livro de que acima fallei:

«Depois de um eloquente discurso de Mr. Julio Brames, os sarcophagos descêrão á sua ultima morada.

Esta lugubre cerimonia commovera immenso os assistentes. A morte só por si causa horror. E' o desconhecido para a humanidade.

A vida é a luz, a morte a obscuridade. A desorganisação do nosso ser prende-nos a attenção ao mesmo tempo que nos atterra pelo seu impenetravel mysterio.

O somno eterno será o esquecimento? A desorganisação da materia será acompanhada pela aniquillação dos fulgores que uns considerão consequencia d'alma, outros simples effeitos da reunião de diversos elementos? A sciencia por enquanto ainda não

cusado explicar que o pae não era apresentado a todas as pessoas que os visitavam.

No dia do baptisado da creancinha, houve uma festa esplendida, terminada por um baile digno do primogenito. A casa do negociante abria par a par as suas portas, e em poucas horas pejaram-se as salas de numerozo concurso de convidados. O luxo, o esmero do edificio casavam-se com os perfumes, a profusão de luzes e os sons harmoniosos da orchestra.

N'essa noite não se dormio.

Os brindes seguiram-se uns após outros, todos dirigidos ao que recebeo na pia o nome de Darlindo, que a familia entendeu de diminuir para *Dada*.

Passava o tempo, e com elle augmentavam-se os affectos dos paes de Darlindo e as bajulações dos que queriam agradal-os.

Logo que o menino completou 7 annos, entrou para um dos

deu solução a este problema. *Os dados que temos são todos a favor da existencia unica da materia.*

Antes, porém, a ignorancia que tal certeza.

No dia em que o materialismo não deixe argumento algum dos seus adversarios de pé, o viver do homem tornar-se-ha horroroso. Nem uma esperança! O infinito e a eternidade organizarão o homem por um momento e depois arremearão-no outra vez para o cahos dos elementos, d'onde o havião retirado!

E' triste, é horroroso!

Assim, quando a terra encobre os restos de uma pessoa que nos é querida, já não resta esta suave esperança com que a superstição e a ignorancia nos emballavão, de que ainda tornaríamos a ver esses entes queridos depois de mortos. A alma servia então de elo entre a vida e a morte. Que importava que a morte se apoderasse do corpo quando a alma ia gosar a verdadeira existencia, que é a eternidade. Felizes devaneios, que a sciencia veio dispersar!

Por isso o spectaculo de um enterro é actualmente muito mais commovedor do que outr'ora. Tudo nos faz suppor que com a vida que animava aquelles restos desapareceu tudo quanto lhes estava inherente como ser relativo para se dispersar pelo absoluto.»

Estas palavras, leitores, fizerão-me uma tal qual impressão.

Abri a obra de Gaume—*A vida é depois da morte* e li-a com grande interesse.

Este distincto sacerdote esforça-se quanto possível para provar a *immortalidade d'alma*, para arrancar do coração do homem essa duvida que tanto o tem preocupado.

Não concordais, leitores, commigo que esta discussão é inteiramente esteril?

Que será de todos os tempos?

melhores collegios da cidade, fazendo tanto progresso que em dois annos foi submittido a exame definitivo de portuguez, no qual tirou *distincção!*

Leandro não cabia em si de contente, e, vaidade ou ignorancia, importunava elle a paciencia alheia, mostrando incessantemente aos amigos a carta de exame do *distincto*, a repetir o chameo:—*Ha de ser um grande! Ha de ser um grande!*—

Os seus amigos diziam-lhe:

—Mande o menino para a França; o circulo aqui é pequeno; perca amor aos cobres...

—Sim, sim, respondia, são essas as minhas tenções; a patria quer que elle vá para Lisboa, porém eu olho mais longe: mesmo porque aqui e em Lisboa só se falla o portuguez, que elle já sabe, e bem.

E passava o tempo.

Ambos os lados apresentam suas razões; ambos se dizem victoriosos.

O homem virtuoso, o homem que sempre obra de accordo com sua consciencia, não tem que receiar nem uma, nem outra hypothese.

Si houver o aniquilamento completo, será um descanço, si bem que negativo. Si existir outra vida além desta, espera-o o premio de suas obras.

A immortalidade da alma, porém, diga-se a verdade, é immensamente mais consoladora e mesmo mais justa obra de Deos.

Só assim Traupmann, Nero, Tamerlan e muitos outros monstros não ficarão impunes; só assim tantas almas virtuosas poderão receber o premio que lhes é devido.

E' certo, porém, que a morte tornar-se-hia mais suave, apresentar se-nos-hia com menos horror no momento supremo, si não fossem os prejuizos de nossa sociedade.

«Eu creio—diz Montaigne—que são as ruinas e os apparatus medonhos de que cercamos a morte que fazem mais medo do que a propria morte. Uma forma inteiramente nova, os gritos das mãis, das mulheres e das crianças, a visita de pessoas admiradas e assustadas, a presença de um numero de criados pallidos e consternados, um quarto fechado, velas accesas, a nossa cabeceira cercada de medicos e sacerdotes, em summa, o horror e só o horror ao pé do moribundo, traz-lhe a idéa de já estar amortalhado e enterrado.

As crianças tem medo de seus proprios amigos, quando os veem mascarados; assim nos acontece com referencia á morte. Convem tirar essa mascara ás cousas, como ás pessoas.»

Verdade incontestavel que, sendo acceita, certo fará menos infelizes os homens que a abraçarem.

E não se creia que a morte comsigo traz a dor.

Aos 14 annos seguia Darlindo para a França.

O dia da partida foi de verdadeira tristeza para os inconsolaveis paes. Leandro não cessava de aconselhar o pequeno, e sua mulher de estreital o em seus braços, banhando sua fronte com as puras lagrimas de mãe.

Assim partio Darlindo para Paris, para a patria de Victor Hugo, para essa bella cidade que mollemente se debruça n'um vasto tapete de vicijs(!), levando cartas de recommendações e de credito para muitas casas bancarias dessa praça.

Lá, seo correspondente o matriculou em um dos principaes collegios; porém o nosso heróe em lugar de empregar o tempo precioso em estudos, empregava-o nos bilhares, nos hotequins em todos esses lugares onde os incautos julgam deleitar-se.

E' este um erro que cumpre bater.

Figuer em sua obra *Le lendemain de la mort* traz muitos exemplos que provão minha asserção.

Basta que cite as seguintes linhas:

«Um dos medicos meus amigos se vio ás portas da morte.

Muitas causas o ameaçavão, e seu estado parecia em esperanças. Elle volta á vida como por um milagre, e gosa hoje de uma saude perfeita. Quando procura lembrar-se das sensações que experimentou na imminencia de um fim que lhe parecia inevitavel, não recorda-se senão de um estado de indifferença absoluta, uma ausencia de todo sentimento penoso.»

Barthéz vae ainda além, pois até pretende que o homem experimente em certos casos um certo prazer em morrer.

Esta opinião talvez pareça um tanto exagerada, mas certo é que apesar da duvida que de todo se não pode apagar de nosso espirito sobre o nosso destino, tornaremos menos amargos os nossos ultimos dias seguindo a opinião de Montaigne e crendo no que diz Guier.

Tenhamos esperanças em Deos, e aceitemos com resignação o—*pulvis es et in pulverem reverteres.*

J. A. C.

Os bailes á moderna.

*Tra la la la les demoiselles
Tra la la la se forment lá*

(CHANSONS DE BÉRANGER.)

Um amigo impertinente
me pediu que lhe narrasse
o que sobre bailes penso...
mas em *chula* que agradasse:

O director do collegio não podia conter o *distinto* filho de seu quadro; mas não ousava reprehendel-o, porque receiava perder um discipulo que lhe dava grandes interesses:—ao contrario prestava ao correspondente de Darlindo graciosos attestados de conducta e adiantamento.

No entanto o moço caminhava rapidamente para a perdição: passava as noites n'esses bailes vertiginosos onde librava as suas finas e exquisitas hebidas, onde estreitava com ardor o corpo semi-nú dessas Phrynés que perdem o pudor, vendendo o corpo no meio dos lascivos beijos da hypocrisia e recostadas no peito da impureza.

Enfim, nos lugares em que se respira uma atmosphera de corrupção, Darlindo sentia prazer em gastar os dias de sua mocidade, pagando com tão vil moeda, os cuidados do seu velho pae, que lia com jubilo as mentirosas informações que lhe vi-

sim senhor, sim, *vade in pace*,
tomo a hombros o recado;
se não agradar desculpem,
que é sermão encomendado.

As moças que me perdoem
e os mancebos de sua roda:
eu vou fallar sem reserva
de cousas que são da moda;
e tão pouco me encommoda
que alguém se zangue commigo;
quem diz sómente a verdade
jamais merece castigo.

Um baile, segundo dizem,
é hoje civ'lisação;
quem não dança uma quadrilha
nunca teve educação;
sem nenhuma hesitação
eu voto contra, dizendo
que n'essa faina as donzellas,
coitadas, se vão perdendo!

N'um baile a pudica virgem,
ainda a mais innocente,
na bulha da contradança
um *dito meigo* consente
que o *petit-maitre* imprudente
soletre no ouvido seu
com fidas juras—patotas—
com promessas de hymineu.

¿ E outras que têm por norma
não dar tempo á reflexão,
que buscam de preferencia
ter ingresso n'um salão? !...
E' que nenhuma occasião,
nenhum melhor deparado
para andarem reclinadas
nos braços do namorado.

nhamás mãos, e esperava com anciedade o dia em que teria de abraçal-o.

E o tempo passava.

Ao entrar no quarto anno de sua estada, Darlindo recebeu n'um dos seus favoritos bordeis uma carta tarjada de preto.

Estava elle ao lado de uma Messalina quando lhe entregaram esse mão agouro.

—A letra é de meu pae! exclamou elle, abrindo apressadamente o envelope.—Que fatalidade! Logo hoje é que me viria ás mãos esta noticia!

—Naturalmente, morreo a tua futura? pergunta-lhe a companheira.

—Não. Meu pae noticia-me o fallecimento de minha mãe!... E' forçoso retirar-me deste lugar...

E este, moço da moda,
aproveita o devaneio...
com caricias pede á moça
o cravo que traz no seio;
e ella sem mais receio,
sem leve sombra de pejo,
dá-lhe a flor e elle concentra
na face da flor um beijo.

E isto, sem *lé nem cré*,
faz parte do modernismo,
tem o nome de etiqueta,
é festa, é dança, é chiquismo:
no caduco carrancismo
o recato esconde as graças
e hoje o vicio domina
no salão—depois das valsas.

A loureira, que conserva
na gaveta de costura
diferentes bilhetinhos
louvando-lhe a formosura,
nem um momento descursa
das noites de *soirée*
em que dizem *mil coisinhas*
os moços de *pince-nez*;

A' luz das salas ostenta
com descaro o vil namoro,
com maneiras affectadas,
rebelde ás leis do decoro;
com ella formando côro
n'um canto junto á janella
mais tres jovens que disputam
sobre qual é a mais bella.

Uma diz que o primo Chico
a chamou Diva da aurora,
outra diz que certo Juca
sómente por ella chora;

já outra diz que namora
este, aquelle... a dois e tres,
não tem dileitante certo,
lhe serve *qualquer cortez*.

A mais ingenua de todas
não toma parte na *bróca*,
só ri-se dos cavalheiros
em quem pregou a *tabóca*;
e certa Cóta ou Milóca,
que tambem conversa ali,
essa diz preguei a mesma
n'um grosseiro *vis-avis*.

Mais além n'outro grupinho
de senhoras se conversa,
já não é o mesmo assumpto,
é sobre cousa diversa;
e, nem mais nem menos, versa
sobre a fôfa fidalguia
que nos bailes—é sabido—
tem brazão, tem regalia.

Dona Mundica Praxedes,
bisneta do *conselheiro*,
não quiz dançar com Fulano,
cujo pae foi serralheiro;
censura a Pausta Ribeiro
a prima do *senador*,
por dar a mão a Cicrano
sobrinho d'um pescador.

Na palestra leviana
o presumpção decadente
n'essas bonéas da moda
se destaca transparente:
cada qual torna patente
de sua raça a distincção,

—Foi então para isso, que me incommodou de casa? Pois não, senhora, para aia que mulheres como eu não se desprezam assim; nunca mais aceitaréi convites de crianças como o senhor! Adeos!

E levantou-se para sair.

—Margine exclamou Darlindo. Margine! Ainda uma palavra!

E correu para ella.

—Estão acabadas as nossas relações. Repito: crianças como o senhor não me servem, e... não me toque!

—Escuta, deixa-me reclinar a fronte em teu seio; deixa-me chorar minha mãe!

—Chorar! Quando aqui nos reunimos para folgar, pedias-me pranto? Senhor, a noticia da morte de minha mãe, poderia impressionar-me; mas n'uma occasião como esta, em que esperamos os companheiros para os prazeres d'uma noite, não se occurriria semelhante carta, e só amanhã daria della sciencia

aos amigos; mas agora?!... Dizei-me que figura ridicula fazeis a chorar, porque morreo quem não podeis resuscitar! Adeos que sois uma criança. Quando fordes homem, procurae-me.

—Sou homem, Margine!

—Então...

—Esta carta só apparecerá amanhã.

—Brindemo-nos reciprocamente: vós, por vos terdes mostrado digno de mim, e eu por vos ter feito forte para rehatordes a dor!

E ambos trançando os braços beberam dois calices de champagne.

Darlindo nesse momento perdeu o ultimo sentimento que existia em seu coração.

Poucas horas depois o bordel estava com os commensaes da *soirée*, e a dança tey e começo.

o sangue-azul *misturado*
é thema de discussão!

.....
.....
Ja convida a novo pleito
o signal do rabeção;
é completa a liberdade.
é geral a confusão!!!...
As moças presas estão
—nas *viravoltas* do *schothish* —
aos braços da rapaseada
sem cessar—a largos trotes.

Tomam parte na *pulada*
as velhas namoradeiras,
em vez de irem rezar
ou servirem de parteiras.
Que dê grossas bandalheiras,
que de cousas pervertidas
não se vê por essas salas
sob o nome de *partidas*?!!

Cessa o baile, finda a festa.
Falle agora o dito amigo,
que me incumbio d'esta chula,
se não é certo o que digo:
e não se zanguem commigo
—vou além, adiante vou—
a culpa é do tal confrade
que o sermão me encommendou.

Depois da comedia o drama,
como aqui é requerido;
depois do prazer dos bailes
o credor aborrecido;
vae á casa do marido
que se diz ter posição.

quer o pague-se da conta
de rendas, fita e balão.

«Ha dois mezes!... Que tratante»

—exclama o bruto credor—

«Isto já passa do serio,

«isto provoca o furor!!»

O homem muda de cor.

receioso dos visinhos,

temendo que alguém prescrute

de seu fundo os escaninhos.

O pae, que depois dos bailes

não pode soltar um riso...

vê chegar a cada instante

de certo Banco o aviso;

já calcula o prejuizo

em que se vê ancorado

— o nome de sua familia

na deshonra arremessado.

E tu, meu caro janota,

tambem d'isto experimentas:

debalde no alfaiale

pregar o calote intentas,

pois elle te diz nas ventas

o mesmo que o sapateiro—:

«Quem compra, luxa e não paga,

é mitrado! é caloteiro!!»

Aqui termino já boato,

não termino por querer,

mas por ser grande massada

taes mazellas descrever:

e quem procurar {saber

se faltei com a verdade

estude a fundo o *negocio*,

que é pura realidade.

S. Luiz, 27 de julho de 1878.

Gil-Meuncio (o Miudinho.)

Logo que o telegrapho assignalou vapor francez, Leandro tomou um escaler e poz-se a espera de fundear o navio para ir abraçar o filho.

Chegou enfim o momento tão ancioso. O pobre velho estreitou em seu peito um libertino, pensando abraçar um filho, e chorou sobre o hombro de um monstro, crendo que humedecia um coração sensivel.

Os amigos de Leandro, as sociedades com que este se dava, as moças mais formosas, cercaram o pariziense que trajava, olhava, ria, fallava e comia como um perfeito europeu.

Desde o dia da chegada não houve mais um só baile para o qual Darlindo não fosse convidado.

Ainda illudido pelas palavras do filho, dizia Leandro:—Casto me caro a instrução do rapaz; porém esta como eu queria: falla francez, allemão, inglez e italiano correctamente. E para

Supplico.

(A' Nemrod Valle.)

Não sabes quem por ti chora,
Quem hoje humilde te implora
Um sorriso, um breve olhar?...
E' meu peito angustiado,
Meu coração despresado—
Despresado a soluçar.

Escuta, gentil creança,
Dá-me um riso d'esperança,
Linitivo á minha dor;
Enxuga o pranto que corre,
Aquece o peito que morre—
Que morre sem ter amor.

Tu és, formosa donzella,
De minh'alma a regia estrella
No firmamento ideal;
Mas o teu riso é tão frio,
O teu olhar tão sombrio—
Sombrio que faz-me mal.

E' que não sabes que o pobre
Tambem tem coração nobre,
E sente como os demais!
Ao contrario, mais bondosa
Acceitáras carinhosa—
Carinhosa estes meus ais.

Pouco ha pedi-te um cravo
Co'a humildade do escravo
Que implora um sorriso de amor,
Tu com modos de orgulhosa
Me recusaste impiedosa—
Impiedosa a meiga flôr.

Próvas apresentava-o a quem conhecia aquellas linguas, que, para não se inimisarem com o pariziense e pouparem o velho negociante d'uma amarga decepção, apenas diziam:

— Falla muito bem. Oh! parece tel-as aprendido desde criança.

E o tempo passava.

Durou pouco a alegria do pobre homeu!

Seu filho, encarregado de seus negocios, em breve tempo arruinou-lhe a casa; abusou da confiança de um pobre amigo prostituído-lhe a bella e interessante filha; enfim praticou tantas infamias, que tres annos depois de chegar á sua terra natal, via morrer seu pae.

O pobre Leandro não pôde soffrer os golpes que lhe atirava seu proprio fillo, e succumbio pungido de dissabores, decepções e vergonhas.

Ai! não sejas inclemente
P'ra quem te faz confidente
Das maguas do coração!
Bem vês que dentro em meu peito
Em lava de amor desfeito—
Desfeito tenho um vulcão.

S. Luiz, 9 de setembro de 1878.

A.

Amarguras.

Meu Pae, Senhor dos ceos, que luto é este
Ou sombra a entristecer meus pobres dias!
Si tento, a ver se vivo, amar ardente,
Meus labios vão tocar em faces frias.

Não vivo... e os outros dizem que tão moço
Podera ser feliz—sorrir-me a sorte—;
Mas como, si o viver nos vem do peito,
E eu sinto-o, sem calor, abrir-se a morte.

Ao poste da desgraça eterno preso,
Na noite do soffrer immerso passo,
A vida para mim é o triste carcer,
Sem luz, onde gemeu Torquato Tasso.

Meu Pae, Senhor dos ceos, eis já vasia
A taça em que me deste os dissabores.
Renova da existencia a flor mirrada,
Ou troca pela campá as minhas dores.

C. Castro.

Desprezado por todos, depois destes acontecimentos, Darlindo vio-se obrigado a mudar de provincia, em cuja nova residencia, completamente estragado, chegou a ser condemnado as gales por ter assassinado n'uma estrada um rico inglez para rouba-lo.

Hoje passa Darlindo seus dias entre as grades de sua eterna prisão.

Sirva de exemplo aos paes que levados de vaidade, só porque possuem um meio seguro de subsistencia, apartam do sagrado seio da familia os incautos rapazes que ainda não dispõem de um coração bem formado, nem de senso sufficiente para se desviarem do caminho da perdição em paragens que elles nada têm a temer nem a respeitar.

Oxalá aproveite esta moralidade.

Sofredi.

Typ. do Paiz—Imp. por Christino V. de Campos.

AVIZO.

Por affluencia de serviço na typographia onde se impme este jornal, deixou elle
e sahir no mez de outubro proximo findo. Aparece, pom, hoje, para compensar
essa falta, e o numero correspondente ao corrente mez virá luz até o dia 30.
Pede-se desculpa aos Srs. assignantes por aquella falinvolutaria.